UNIVERSIDADE DO CENTRO OESTE
UNICENTRO

A SAÚDE EM SUAS MÚLTIPLAS DIMENSÕES: REFLEXÕES A PARTIR DOS RELATOS DE MULHERES QUE TÊM A CURA COMO OFÍCIO

MARIANA NUNES CANDIDO

IRATI
2020

MARIANA NUNES CANDIDO

A SAÚDE EM SUAS MÚLTIPLAS DIMENSÕES: REFLEXÕES A PARTIR DO RELATO DE MULHERES QUE TÊM A CURA COMO OFÍCIO

Dissertação apresentada como exigência parcial par obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Comunitário ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário da Universidade do Centro Oeste, Campus Irati.
Orientadora: Cristiana Magni

IRATI
2020

Catalogação na Publicação
Rede de Bibliotecas da Unicentro

C217s

Candido, Mariana Nunes
A saúde em suas múltiplas dimensões: reflexões a partir do relato de mulheres que têm a cura como ofício / Mariana Nunes Candido. – – Irati, 2020.
xii, 93 f. : il. ; 28 cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Comunitário, 2020.

Orientadora: Cristiana Magni
Banca examinadora: Luciana Rosar Fornazari Klanovicz, Marcelo Firpo de Souza Porto

Bibliografia

1. Desenvolvimento comunitário. 2. Saúde. 3. Práticas Integrativas e Complementares. 4. Saberes Tradicionais. 5. Visão Holística. I. Título. II. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Comunitário.

CDD 614

Universidade Estadual do Centro-Oeste

Reconhecida pelo Decreto Estadual nº 3.444, de 8 de agosto de 1997

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR
EM DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

TERMO DE APROVAÇÃO

MARIANA NUNES CANDIDO

A SAÚDE EM SUAS MÚLTIPLAS DIMENSÕES: REFLEXÕES A PARTIR DOS RELATOS DE MULHERES QUE TÊM A CURA COMO OFÍCIO

Dissertação aprovada em 31/03/2020 como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário, área de concentração Desenvolvimento Comunitário, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, pela seguinte banca examinadora:

Dr.ª Cristiana Magni ---------- orientador e presidente da banca
Instituição: UNICENTRO

Dr.ª Luciana Rosar Fornazari Klanovicz ---------- examinador interno
Instituição: UNICENTRO

Dr. Marcelo Firpo de Souza Porto ---------- examinador externo
Instituição: FIOCRUZ

Irati, 31 de março de 2020

Voladora de Papantla – Paloma del Cerro

Soy una niña voladora de papantlas
Cada vez que canto se me abren las alas
Rezando a los 4 vientos busco entendimiento
Rezando a los 4 vientos vuelvo a mi encuentro

En el Este se enciende la llama
Para transformarlo todo con alegres danzas
Abriendo las puertas despliego mis talentos
Abriendo las puertas a los sentimientos

En el Oeste me encuentro con mi sombra
Desde lo oscuro veo lo que no se nombra
En la tierra fértil plantar buenas semillas
Y así ver crecer puras maravillas

Hacia el Sur las aguas cristalinas
Hablando bonito curo todas mis heridas
Fuerza voladora, sangre y alegría
Vivan las mujeres, mujeres de mi vida!

Hacia el Norte me encuentro a mis ancestros
Aire fresco que renueva el pensamiento
En el silencio oigo al gran misterio
Mictlampa, los sabios, los maestros.

AGRADECIMENTOS

À nossa amada Bilila, pelo poio incondicional e por me ensinar a ser doce; Alemones por ser um porto seguro e o melhor amigo do mundo, BJ pela camaradagem e por tudo o que aprendemos com você e ao Véio Tito pela generosidade que me permitiu rodar por tantos lados.

Ao Taita por toda a ternura; ao Enzo por sua forma única de ver o mundo e pela presença nesse trecho da caminhada sincera e comprometida de despertar e expandir a consciência. O amor e a companhia de vocês foram grandes presentes.

Aos vizinhos queridos que ganhei no Gutierrez agradeço pela acolhida, especialmente à Luana e a Laviny, por tudo o que fizeram por mim e pelo Taita e por se tornarem grandes amigas que sempre lembrarei com muito carinho.

À UNICENTRO por proporcionar o encontro de tanta gente legal, entre servidores, professores, estudantes e comunidade. Celebro alegremente o encontro com pessoas maravilhosas que encontrei nesse espaço, especialmente: Mari, Rômulo, Douglas, Jean, João, Aninha, Raquel, Denise, Lucimara, Jaque, Yasmin, Mariana, William, Mário, Cibele, Fábio, Elis, Emerson, Cristina e Ana Paula.

À Professora Cristiana Magni por topar a empreitada de me orientar e me dar toda a liberdade e autonomia para a realização desse trabalho.

Ao Projeto de Extensão da Feira Agroecológica por me permitir aprender tanto, especialmente Terezinha, Fernanda, Dete, Thayná, Lucinha, Kati e Rose por serem mulheres tão inspiradoras; Ao Marcelo pelo tanto que aprendi no estágio de docência na disciplina de Geografia Agrária e ao Emerson, Fábio, Alexandre, Rodrigo, Ângelo e Marlon por darem seu toque especial no Projeto.

Ás grandes mulheres que mergulham em águas profundas dentro de si, buscando sua própria cura para assim colaborar com a cura coletiva. Bruxas, como nós mesmas dizemos. Juntas conversamos abertamente sobre o universo da espiritualidade, sobre a grandeza da Natureza, a importância da alimentação consciente, do respeito com os outros animais, o poder das plantas, da lua, das orações, do sagrado feminino e da união entre mulheres. Vocês são grandes amigas e grande professoras, agradeço por tudo! Além de algumas que já citei, me remeto com carinho e respeito às queridas Aparecida Modesto, Zenith, Maria,

Clotilde, Mariângela, Éli, Laís, Débora, Cristina, Tânia , Dalvana, Sheila, Micheli, Dari, Leidy e Cris.

Agradeço ao MASA, especialmente Dona Hilda, Dona Sebastiana, Dona Nilza, Dona Rosa, Dona Rosinha, Dona Ana, Dona Agda, Dona Deja, Dona Olivina, Dona Eugênia, Dona Amélia, Dona Olinda, dentre várias outras benzedeiras, por manterem vivos e pulsantes os saberes tradicionais, por cuidarem de todos os que as procuram com amor e carinho, por dividirem os conhecimentos que têm e por me ajudarem nos meus processos de cura e reconexão com o Sagrado. Com vocês fiquei mais sabida, o meu conhecimento sobre o cuidado aumentou e meu quintal se encheu ervas que curam e temperam. Por vocês me derreto de amores e as manterei presentes nos meus contos e causos, encantando os que me escutem com as memórias que se fizeram ao lado das grandes mestras que tive o prazer de conviver.

Agradeço aos Movimentos Sociais, que seguem firmes, fortes e valentes, resistindo e se nutrindo para possibilitar um projeto de mundo mais inclusivo e amoroso, especialmente aos que estão ligados à Natureza. Com vocês aprendi a importância das sementes crioulas, do cuidado com a terra e do prazer inestimável de colher o que se plantou. Os aprendizados nesse meio me mostraram a importância da diversidade e da autonomia, além de me ensinarem a cultivar parte das raízes, grãos, verduras e legumes que consumi, alimentos cheios de vida que do quintal da minha casa foram direto para o prato.

Agradeço também a todas as pesquisadoras e pesquisadores que colocam seu empenho e dedicação para pensar o mundo e as relações que se constroem dentro dele, os trabalhos de vocês foram fundamentais para que minha pesquisa pudesse tomar forma. Especialmente Adriane, Michel, Milene, Leandro e Taísa, que fizeram importantes registros sobre o MASA e que seguem fortalecendo esse movimento que cuida da vida.

Agradeço às medicinas da natureza, às fogueiras, aos batuques, aos cantos, florais, reiki, aromaterapia, companhias, conversas e rolês que acalmaram a mente e o coração nos momentos em que de tanto me sentir espremida, quase virei suco no processo do mestrado. Vi muitas pessoas passando apertado, assim como eu passei também. Torço para que o ambiente acadêmico possa se modificar e perceber que tem muita gente adoecendo dentro desses espaços. Espero que a academia realmente se pinte de povo e

que use seu potencial para estimular, fortalecer e possibilitar ações conjuntas com a comunidade que está ao seu entorno, nos lembrando que mãos unidas tem mais serventia que egos inflados, que “viver não cabe no lattes” e que a interdisciplinaridade junto ao tripé ensino, pesquisa e extensão, carrega consigo um potencial transformador.

Agradeço por tudo o que pude viver e aprender em Irati, e também por todos os seres inspiradores que encontrei por essas bandas. Contem comigo e com um pouquinho mais de coragem, alegria e rebeldia para somar na luta e seguir coletivamente insistindo na mudança do mundo.

Imagem retirada de: Mandala Lunar 2020: um caminho de autoconhecimento feminino. Houthausen, I; Andrade, N; Campello, V. Primavera de 2019.

Somos um com o Universo. Sempre, para sempre e sempre –

Sabedoria Antiga

RESUMO

Este trabalho tem como proposta apresentar e discutir a multiplicidade de entendimentos sobre a saúde alternativa em relação à hegemônica a partir de relatos de mulheres que têm as práticas alternativas de cura como ofício, buscando correlacionar a saúde às diferentes dimensões da vida e às diretrizes para as Práticas Integrativas e Complementares do SUS. Com relação aos ofícios tradicionais, apresenta-se o histórico do Movimento Aprendizes da Sabedoria (MASA) no Estado do Paraná, associando-o à medicina e cultura popular, trazendo o registro de algumas das práticas utilizadas nos atendimentos realizados pelas benzedeiras da região de Irati. A partir de uma abordagem qualitativa, a literatura acadêmica articula uma discussão a partir das narrativas originadas. A saúde e a Natureza, as práticas de cura e bem-estar e a espiritualidade foram utilizadas como categorias de análise para lapidar o material gerado no trabalho de campo, resultando em evidências acerca da cosmovisão vigente em nossa sociedade e de seus reflexos no modelo de saúde. Como contraponto a esse modelo, destaca-se a visão holística, mais complexa e integradora que diz respeito à saúde; a correlação entre o ser humano e o todo do qual faz parte; a presença da espiritualidade e a existência de diferentes saberes em relação à saúde, especialmente advindos da cultura popular e das práticas integrativas e complementares, demonstrando as relações que se estabelecem entre seres humanos, sociedade e Natureza.

Palavras-chave: Saúde; Práticas Integrativas e Complementares; Saberes Tradicionais; Visão Holística

ABSTRACT

This work aims to present and discuss the multiplicity of understandings about alternative health in relation to hegemonic health, based on reports of women who have alternative healing practices as their profession, seeking to correlate health to the different dimensions of life and the guidelines for SUS Integrative and Complementary Practices. In relation to traditional crafts, the history of the Movimento Aprendizes da Sabedoria (MASA) in the State of Paraná is presented, associating it with medicine and popular culture, bringing the record of some of the practices used in the care provided by the healers in the Irati region. From a qualitative approach, academic literature articulates a discussion based on the originated narratives. Health and Nature, healing and well-being practices and spirituality were used as categories of analysis to polish the material generated in the field work, resulting in evidence about the current worldview in our society and its reflections on the health model. As a counterpoint to this model, the holistic view stands out, which is more complex and integrative than with regard to health; the correlation between the human being and the whole of which he is a part; the presence of spirituality and the existence of different knowledge in relation to health, especially arising from popular culture and integrative and complementary practices, demonstrating the relationships that are established between human beings, society and Nature.

Key words: Health, Integrative and Complementary practices; Traditional Knowledge; Holistic View

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Girassol em uma prática de yoga. Irati, 2019. 42
Figura 2 - Placa na área de Contemplação da Colônia - Irati, 2019. 49
Figura 3 - Logo do MASA - Movimento Aprendizes da Sabedoria. 54
Figura 4 - Altar para a Romaria de São Gonçalo - Faxinal do Marmeleiro - Novembro de 2019. 56
Figura 5 - Cera derramada por Hibisco, Irati, 2019. 60
Figura 6 - Oratório do Olho D'água de São João Maria. Rebouças, 2019. 63
Figura 7 - Registro da Oração de Gerânio para Costurar Rendidura e Machucadura..... 65
Figura 8 - Plantas trazidas do quintal de Gerânio para uma oficina de uso de plantas medicinais ministrada por ela. Irati, 2019..... 67
Figura 9 - Calêndula fazendo a checagem da Bioenergia. Irati, 2019. 71
Figura 10 - Registro de um dos encontros do curso "O despertar da Benzedeira". Irati, 2019. 79
Figura 11 - Oficina na Escola do Campo Nossa Senhora das Graças. Guamirim, Irati, 2019. 80
Figura 12 - Oficina Saberes de Cura, ofertada pela Mestra Raizeira Lucely Pio. Irati, 2019. 81
Figura 13 - Mutirão de produção de mudas de plantas medicinais para o IV Encontro de Benzedeiras. Rebouças, 2019. 83
Figura 14 - O primeiro símbolo do Reiki, Chokurei, adaptado em arame para Hibisco que tem baixa visão. Irati, 2020. 85

LISTA DE SIGLAS

AGAECO - Associação dos Grupos de Agricultores Ecologistas do Turvo

APF - Articulação dos Povos Faxinalenses

APREAA - Associação Paranaense dos Expostos ao Amianto

ASA - Associação Aprendizes da Sabedoria

CERESTA – Coletivo de Estudos e Ações em Resistências Territoriais no Campo e na Cidade

IEEP - Instituto Equipe De Educadores Populares

MASA - Movimento Aprendizes da Sabedoria

MP/PR - Ministério Público do Paraná

PIC - Práticas Integrativas e Complementares

PNH - Política Nacional de Humanização

PNPIC - Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares

PPIDC - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário

PSF - Programa Saúde da Família

SUS - Sistema Único de Saúde

UNICENTRO - Universidade do Centro Oeste

UPA - Unidade de Pronto Atendimento

SUMÁRIO

1. **Apresentação 13**

2. Contextualizando o tema de estudo 16

3. Percurso metodológico 21

4. Reconectando com o sagrado: espiritualidade, saberes tradicionais e práticas integrativas e complementares 25

4.1 A espiritualidade e sua influência na saúde e na leitura do mundo 26

4.2 As práticas alternativas e complementares como forma de cuidado 29

4.2.1 Integração de práticas biomédicas às alternativas 33

4.2.2 Yoga e meditação no processo de autoconhecimento 36

4.2.3 Florais de bach, reiki e cromoterapia na busca de equilíbrio 42

4.3 Ofícios tradicionais, seus saberes e práticas: 49

4.3.1 O movimento aprendizes da sabedoria – MASA 50

4.3.2 Cultura popular: Romaria de são gonçalo 54

4.3.3 Massagem tradicional e benzimento com cera 56

4.3.4 Águas sagradas: os olhos d'água do Monge São João Maria 60

4.3.5 Remedieira, benzedeira e costureira: a diversidade de saberes tradicionais 64

4.3.6 Bioenergia e agroecologia cuidando da vida 68

4.4 A vida sem veneno como aliada da saúde 71

5. Tudo isso é saúde: trilhando os caminhos que materializam sonhos .. 75

5.1 Troca de saberes como ferramenta emancipatória para os cuidados em saúde 78

6. Considerações finais 86

1. APRESENTAÇÃO

Acredito ser fundamental pontuar que muito de toda pesquisa que é realizada se relaciona diretamente aos interesses de quem a propõe e concretiza, e no meu caso não é diferente. O ingresso ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário (PPGDC), se deu inicialmente a partir do interesse em pensar sobre a questão da intergeracionalidade e a valorização da pessoa idosa. O interesse por esses temas se entrelaçava aos espaços e realidade na qual estava envolvida na região metropolitana de São Paulo. Chegando em Irati, fui surpreendida por uma realidade completamente diferente com a qual estava acostumada. Percebi na presença constante do chimarrão, nas fogueiras com pinhão sapecado e na forte presença das benzedeiras na região, indícios de que aqui se abriria um novo universo cheio de coisas por aprender e descobrir.

Embora meu vínculo com a UNICENTRO tenha se estabelecido a partir do PPGDC, criei fortes laços com pessoas do curso de Geografia, que contribuíram grandemente com o meu processo de formação acadêmico e pessoal no decorrer do mestrado, colaborando diretamente na construção de pontes que me aproximaram de pessoas e movimentos sociais que defendem causas populares, especialmente as questões relacionadas à terra e à agroecologia. Participei do Projeto de Extensão da Feira Agroecológica, que desde 2014 viabiliza semanalmente a comercialização de alimentos agroecológicos no Campus de Irati, acompanhei as formações realizadas pelo projeto, as oficinas nas escolas do entorno e atividades como as Rodas de Mate e Debate, que discutem diversos temas ligados à terra. Também me integrei ao Coletivo de Estudos e Ações em Resistências Territoriais no Campo e na Cidade – CERESTA, um grupo multidisciplinar organizado pelos professores do departamento da Geografia, também responsáveis pelo projeto da Feira. A partir das vivencias proporcionadas pelo projeto de extensão, grupo de estudos e pelos espaços por onde caminham as pessoas que tecem essa rede, pude me envolver e participar de uma série de atividades, como por exemplo as Jornadas de Agroecologia, Jornada da Questão Agrária no Paraná, Festas e Feiras de

Sementes Crioulas, Audiências Públicas contra os Agrotóxicos, lançamento de documentário, dentre outras.

A partir da familiarização com essa realidade que se apresentava, novas conexões foram surgindo. A aproximação com o MASA – Movimento Aprendizes da Sabedoria - foi inevitável. Essas reconexões com os saberes populares, a utilização das plantas medicinais, bem como da fé como ferramenta nos processos de cura, fizeram com que o projeto apresentado inicialmente fosse tomando outras formas. Os momentos de profunda reconexão, através da participação em cerimônias de cura que fazem uso de plantas de poder como a Ayahuasca, o Wachuma e a Jurema, me fizeram experienciar a espiritualidade de forma inegável, plantando no mais íntimo do meu ser uma semente que conforme germina, me convida a deixar de entender essas dimensões sutis de maneira intelectual e torná-las realidade a partir das minhas experiências no momento presente, no eterno aqui e agora em que a vida acontece.

Acredito que a dimensão da espiritualidade abre portas para a lógica da coexistência e da cordialidade, incentivando o cuidado à vida em todas as suas manifestações por facilitar o entendimento de que todos os seres são importantes dentro da rede viva que existe na Terra. Esse despertar, a meu ver, leva à percepção de que somos uma vida una, que se manifesta a partir de toda a diversidade existente em nosso planeta. A familiarização com a existência e o reconhecimento da importância que corpos mais sutis como o mental e emocional exercem sobre nosso corpo físico podem colaborar para a cura de nossos desequilíbrios. O cuidado se inicia no âmbito individual, mas transborda para o coletivo e potencializa a transformação da realidade que se materializa ao nosso redor.

O presente estudo busca a partir de uma visão transdisciplinar, apontar a existência de formas de entendimento de mundo e de saúde alternativas à hegemônica. Tem como ponto de partida as questões levantadas por mulheres que têm práticas alternativas de cura como ofício, buscando correlacionar a saúde à diferentes dimensões da vida.

A partir da apresentação desta trajetória percorrida para a realização do presente trabalho, o segundo capítulo busca contextualizar o tema desse estudo,

evidenciando questões acerca da cosmovisão vigente em nossa sociedade e de seus reflexos no modelo de saúde que se oficializou. Como contraponto a esse modelo, destaca-se a visão holística, mais complexa e integradora, que no que diz respeito à saúde, evidencia a correlação entre o ser humano e o todo do qual faz parte. O terceiro capítulo descreve o percurso para construção da dissertação; caracteriza brevemente a região na qual essa pesquisa se debruçou, a abordagem metodológica utilizada para realizá-la e os caminhos pelos quais se deram a coleta dos dados, bem como sua análise.

O quarto capítulo aponta para a espiritualidade e a presença dos diferentes saberes no que diz respeito aos cuidados com a saúde. Traz as diretrizes para as Práticas Integrativas e Complementares do SUS no Estado do Paraná e as narrativas das mulheres que atuam através dessas terapias. No que diz respeito aos ofícios tradicionais, apresenta-se o histórico do Movimento Aprendizes da Sabedoria (MASA), associando-o à medicina e cultura popular, trazendo o registro de algumas das práticas utilizadas nos atendimentos realizados pelas benzedeiras da região.

O quinto capítulo procura evidenciar as relações que se estabelecem entre os seres humanos, a sociedade e a Natureza no que diz respeito à saúde em uma visão mais integradora. Aponta-se a necessidade de reinvenção das utopias e demonstra-se como esse caminho vem sendo trilhado a partir das ações realizadas pelo MASA, que através dos eventos e atividades que promove, questiona os padrões dominantes a partir do fortalecimento dos vínculos com a Natureza, disseminação de saberes e criação de alternativas para viabilizar um outro projeto de mundo.

2. CONTEXTUALIZANDO O TEMA DE ESTUDO

A realidade na qual nos encontramos no desenrolar do século XXI ainda evidencia a pobreza, a desigualdade, o esgotamento da Terra e a desvalorização da vida em suas diversas formas. Tais fatores explicitam a necessidade de criar alternativas pelas quais possamos realizar, individual e coletivamente mudanças profundas baseadas em uma sabedoria mais sensível e amorosa. Para Hataway e Boff (2012), essas mudanças que se revelam a cada dia mais essenciais estão intimamente ligadas à consciência humana, e nos convida a uma reinvenção de nós mesmos e da nossa sociedade em suas dimensões sociais, políticas, econômicas, ecológicas, emocionais e espirituais para dar conta do atual momento de crise civilizatória e planetária pelo qual passamos.

A cosmovisão reducionista que se estabeleceu em nossa sociedade teve como parte de seus objetivos servir aos interesses das classes dominantes que fortaleciam o capitalismo, o colonialismo e o desenvolvimento econômico. De acordo com Federici (2017), esse contexto intensificou a sujeição do corpo para a maximização de sua utilidade social através do trabalho, mediante uma nova percepção de seres humanos, onde estes eram vistos como recursos naturais que trabalhavam e criavam para o Estado. Uma das consequências do condicionamento materialista, mecanicista e reducionista que se oficializou na idade moderna foi a transformação do ser humano em máquina através da robotização de sua mente e mecanização da sua rotina existencial.

Acosta (2015) enfatiza o fracasso do desenvolvimento colonialista, destacando que o crescimento econômico não deve ser a meta e nem o caminho para que se permita uma vida digna em sociedade. Na busca por alternativas a esse modelo, traz à tona o Bem Viver e sua potência enquanto proposta que busca coletivamente a construção de formas não convencionas de organização baseadas nas diversas realidades existentes. Segundo o autor, não basta reformar os modelos já considerados fracassados, ao contrário, faz-se necessário um esforço para romper com o sistema capitalista e a sua forma de mercantilização da vida para que relações mais conscientes possam emergir, concordando com as palavras de Gibsone e Bang (2015):

> “Pensamentos, desejos e ambições moldaram o mundo moderno: as tecnologias, os sistemas sociais e a economia. Se as nossas tecnologias são poluentes, nossos sistemas sociais inaptos a cuidar de todos e nossas economias falham na distribuição de comida e serviços para todas as pessoas, pode ser que os pensamentos que basearam esses sistemas sejam culpados. Precisamos de novos pensamentos” (Gibsone & Bang (2015) - tradução livre).

No que diz respeito à saúde, a lógica biomédica aliada ao sistema capitalista, colaborou para a institucionalização da saúde de forma técnica e instrumental, que pode ser vendida e comercializada. No modo capitalista de produção as necessidades humanas são cada vez mais mercantilizadas e a população se transforma em consumidora de saúde, tendo seus conhecimentos e práticas culturais enfraquecidas, além da perda de sua capacidade de lidar autonomamente com situações de sofrimento, enfermidade, dor e morte (ILICH, 1975). Rocha (2018), ressalta que com a apropriação da saúde pelo mercado, a cura das doenças se tornou um monopólio de setores específico da economia capitalista, como por exemplo a indústria farmacêutica.

Luz (2005) já observava uma crise de âmbito sanitário e médico que envolvem as relações medicina-sociedade. Embora não caracterize essa crise como um simples efeito da evolução do capitalismo, situa nela suas raízes socioeconômicas. Para a autora, a crise da saúde pode ser vista, em primeiro lugar, como fruto ou efeito do crescimento das desigualdades sociais no mundo, que se encontra submetido às leis de uma economia capitalista chegada a um estágio de internacionalização e dominância completa sobre o planeta chamada de “globalização”. Essa crise se torna particularmente aguda nas sociedades onde há desigualdade social profunda, como no continente latino-americano, com a grande concentração de renda que gera problemas graves de natureza sanitária tais como a desnutrição, violência, doenças infectocontagiosas, crônico-degenerativas, bem como síndromes coletivas definidas como biopsíquicas, caracterizando-se por dores difusas, depressão, ansiedade, pânico e outros males que ocasionam uma situação permanente de sofrimento para os indivíduos.

De acordo com Guedes (2006), desde o surgimento da racionalidade médica moderna, consolida-se um projeto em que o saber e a prática médica se situam no interior do modelo das ciências naturais. A autora ainda destaca que

embora essas proposições não apareçam explicitamente em livros ou manuais de ensino da medicina, são bastante familiares a qualquer médico. Para a autora, esse modelo também é chamado de biomédico e tem como referência a doença ou lesão, tendo como propósito a identificação da doença e a sua causa objetiva, fazendo com que muitas vezes questões que escapam ao biológico, como por exemplo aspectos psicológicos, culturais e sociais, sejam desconsiderados.

Embora essa cosmovisão reducionista ainda tenha um grande poder de influência em todas as esferas das atividades humanas, não pode conter a difusão de outras formas de compreensão do mundo, das relações e da vida como um todo. Apesar de ter sido útil em alguns aspectos e de ter aportado avanços, principalmente no que diz respeito as formas técnicas para a realização de certas atividades e trabalhos, como por exemplo os avanços tecnológicos que brindou, a cosmovisão criada na modernidade acabou fortalecendo as injustiças e desigualdades, além de influenciar e limitar a visão e compreensão da Natureza, da mente humana e de todo seu potencial latente.

A perspectiva holística está presente em várias concepções filosóficas ao longo de toda a trajetória do conhecimento humano e se difere do pensamento reducionista. De acordo com Tavares (1998), o termo holismo foi usado pela primeira vez em 1925 por Jan Smuts, pensador sul-africano que sustentou em seu trabalho a existência de uma tendência holística integradora no Universo. Ele chamou a atenção para um princípio de organização inerente à Natureza, onde tanto a matéria quanto a mente mostram a tendência de evoluir para níveis mais elevados. Na concepção holística, não só as partes de cada sistema se encontram no todo, mas os princípios e leis que regem o todo se encontram em cada uma das partes, todos os fenômenos e eventos se interligam e se interpenetram de forma global e interdependente, sendo o todo concebido como uma parte integral e não somativa.

Nascido nos movimentos contraculturais e filosóficos da década de 60, o pensamento holístico ressoa com diversas outras problematizações pertinentes, como o surgimento da consciência feminista, o renascimento das tradições espirituais, a medicina alternativa, as lutas de liberação étnica e a consciência ecológica, por exemplo. Essas bandeiras têm em comum a resistência aos modelos predominantes na sociedade ocidental determinada pelo paradigma

mecanicista, que criou padrões de poder, controle e dominação, mantidos por hierarquias entre gêneros, raças e espécies (TAVARES, 1998).

Essa visão mais ampla e profunda também se mostra presente na concepção de mundo das protagonistas dessa pesquisa, como pode-se observar na fala de Rosa sobre a Colônia de Equilíbrio Dom Inácio de Loyola, um espaço que realiza atendimentos com práticas integrativas e complementares em Irati:

> "Uma visão ampla que inclui, vai além da matéria, né? Uma visão holística que considera todos os níveis: materiais, emocionais, espirituais e divinos. Holístico em relação a você abranger tudo, você não discriminar ninguém nem nada, você ter simplicidade e humildade para perceber que a sua verdade é limitada, que existem verdades que nós nem sonhamos em conhecer. Nós vivemos em diferentes níveis, temos corpo, mente, alma, nos conectamos com diversos níveis de seres. Holístico também em relação às religiões, holístico em relação a que cada ser tem o seu histórico de vida, nessa vida e ainda traz de outras vidas, então, cada um tem uma visão tão diferente, tudo é tão relativo, né? [Rosa]

Sob essa perspectiva, a visão holística abraça toda a diversidade existente, respeitando o aporte que ela traz e reconhecendo-a como fator essencial para a riqueza e fertilização do pensamento. Não busca excluir, condenar, separar ou negar. Busca a construção de pontes, estabelecimento de conexões e correlações entre as muitas formas de conhecimentos e existências (ELBERS, 2015).

De acordo com Telesi Júnior (2016), a dimensão integradora do homem e da Natureza numa perspectiva de macro e microuniversos postula a integralidade do sujeito humano, constituídas de aspectos psicobiológicos, sociais e espirituais, embasa de forma distinta as dimensões das racionalidades médicas oriental e ocidental. Essas diferenças, segundo o autor, concernem aos aspectos relativos à presença ou não de elementos cosmológicos e especialmente enquanto ao diagnóstico e modelo terapêutico adotados. Para as medicinas orientais, os elementos cosmológicos desempenham um papel importante na determinação das constituições individuais, enquanto para a racionalidade médica ocidental são desconsiderados, por serem desprovidos de base científica. No entanto, as barreiras entre as duas racionalidades médicas têm se flexibilizado e o avanço das medicinas tradicionais, bem como a

valorização e o resgate dos conhecimentos populares da saúde, tem favorecido trocas entre essas diferentes correntes de pensamento.

O autor realça que uma das práticas que caracterizam a complexidade dos problemas sociais é o enfoque interdisciplinar das pesquisas científicas e tecnológicas. Ele constata que pesquisas interdisciplinares vêm ganhando espaço e que nos anos recentes, todas as áreas da saúde têm merecido estudos transversais que aliam diversas especialidades, tendo como propósito alcançar soluções para as contradições que estruturam e garantem a complexidade objetivada. Esse processo pode resultar em uma medicina plural, mais apta a responder aos desafios da complexidade e a riqueza antropológica da medicina.

> O encontro e a comunicação entre as duas correntes de pensamento médico, promovidos no campo da saúde pública, poderiam constituir um sólido alicerce antropológico, fundamental para manter a continuidade da tensão criativa entre essas diferentes bases filosóficas. A busca de relações entre elas sem dúvida contribui para a construção de um novo modelo de representação das ações no campo da saúde, mais apto a enfrentar os desafios ligados à complexidade da vida moderna. Diante desse deslocamento de olhares da ciência, precisamos de conhecimentos que revelem as ligações, as articulações, a solidariedade, as interdependências, as implicações e as complexidades de nosso objeto de estudo, de modo a podermos contribuir para a aproximação entre a visão holística das medicinas tradicionais e o dualismo cartesiano que está na raiz do pensamento e da ciência moderna. Embora os paradigmas constitutivos das duas práticas médicas sejam diferentes e contraditórios, pois enquanto um enfoca a doença o outro prioriza a saúde, a comunicação entre eles pode renovar as intervenções na saúde pública, que tem se esforçado por garantir seu diálogo (Telesi Júnior, 2016).

Um conjunto variado de estudos como por exemplo os de Patricio (1995), Tesser (1999), Luz (2005), Silva (2008), Alves (2012), Toniol (2014), Telesi Júnior (2016) e Nascimento at al (2018), demonstram que abordagens desde uma perspectiva holística, bem como a adoção de formas de cuidado em saúde diferentes ao modelo biomédico são ideias e práticas que vem sendo destacadas por diversos pesquisadores há anos, permitindo que possam ser percebidas como possíveis mediadoras do movimento de reconstrução de símbolos coletivos, que transcendem a simples disputa das formas de cuidado e cura no campo da saúde (Tesser e Barros, 2008).

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Nesse mesmo sentido, a presente pesquisa busca dissertar acerca de múltiplas dimensões da saúde a partir do relato de sete mulheres que trabalham com formas alternativas de cura. As mulheres que compõe esse trabalho estão envolvidas em projetos, movimentos e ações que materializam a experiência do cuidado na saúde a partir de uma lógica diferente da biomédica. Levam em conta a necessidade de reconexão com a Terra, com o Sagrado e com outras formas de perceber o mundo e se colocar diante dele, evidenciando seus aspectos éticos e políticos.

O processo dessa pesquisa se deu a partir da tentativa de identificar, em conjunto com essas mulheres e desde suas experiências e pontos de vista, aspectos fundamentais para se pensar a saúde e a vida. Buscou-se registrar informações acerca de experiências pessoais, crenças e práticas, da forma mais livre possível, estabelecendo a partir de seu olhar sobre o que é saúde e das práticas com as quais trabalham, relações e conexões com diferentes temas.

O dinamismo na área da saúde destaca a importância de refletir e repensar constantemente as práticas que a envolvem para possibilitar que as necessidades da população sejam atendidas, levando em conta as múltiplas dimensões que se esbarram em diferentes áreas da vida. No caso da presente pesquisa, tanto os ofícios tradicionais como as práticas integrativas e complementares fomentam essa classe de debate e ações através das estratégias que adotam e da forma de conceber a saúde, servindo como referência para o conhecimento interdisciplinar.

A abordagem metodológica qualitativa é uma excelente ferramenta para trabalhar com o universo de significados, aspirações, crenças, valores e atitudes encontrados neste estudo. A investigação qualitativa cria caminhos e formas específicas de se pautar e descrever os sujeitos investigados. Segundo Vázquez (2009), os métodos participativos de pesquisa caracterizam-se pela inserção da investigação na prática histórica, a intervenção comunitária e um compromisso de quem pesquisa com a realidade social, orientado a favorecer a participação dos indivíduos na transformação e melhora do meio em que estão inseridos.

Brandão e Streck (2008) apontam a pesquisa participante como “um importante instrumento de trabalho na construção do conhecimento que tem como objetivo compreender, intervir e transformar a realidade”, partindo do pressuposto de que “todo ser humano é em si mesmo e por si mesmo uma fonte original e insubstituível de saber”. Dessa forma, os autores argumentam que essa modalidade de pesquisa “oferece um repertório de experiências destinadas a superar a oposição sujeito/objeto, pesquisador/pesquisado, conhecedor/conhecido no interior dos processos de produção coletiva do saber.

Segundo Minayo (2007), a realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados que dela transborda. Por conta disso, o trabalho de campo foi essencial para o desenvolvimento da pesquisa, já que a partir dele houve a aproximação e o diálogo com diferentes vozes que representam os diferentes espectros sociais, políticos e culturais dessas mulheres.

Partindo do pressuposto de que na pesquisa qualitativa é parte do exercício buscar o significado do que foi manifestado e do que permaneceu oculto, foram registradas impressões que chamaram minha atenção nesse universo que mescla saúde, o Sagrado e lutas populares. Ele serviu como ferramenta para a descrição de uma subjetividade de pensamentos e cenários, que junto com a transcrição das entrevistas possibilitou construir de forma articulada e reflexiva as questões que surgiram na fala dessas mulheres em diferentes áreas temáticas. Dessa forma, foram utilizadas três categorias de análise para trabalhar com o material gerado durante o trabalho de campo, sendo elas a *espiritualidade, práticas de cura e bem-estar e saúde e Natureza.*

As impressões, a partir de um olhar e uma escuta peculiar como pesquisadora, foram registradas em festas, atividades e eventos com a presença dessas mulheres, assim como em conversas mais reservadas que ocorreram em diferentes momentos com cada uma delas. As conversas nesses espaços colaboraram para a construção dos resultados dessa pesquisa, embora, parte delas não tenha sido registrada formalmente por acontecerem em momentos de construção coletiva, intimidade ou lazer. Apesar do esforço de manter atualizado o diário de campo, algumas informações não puderam ser precisamente descritas devido ao volume de informações e profundidade dos relatos. Ainda

assim, os dados apreendidos nesses momentos são considerados bastante relevantes para essa pesquisa.

A argumentação teórica foi se construindo tendo como ponto de partida as questões surgidas nas falas das entrevistadas. Buscou-se resgatar e registrar suas trajetórias, experiências e pontos de vista, reconhecendo que nesse percurso entrelaçam-se elementos individuais e sociais simultaneamente.

A região centro sul do Paraná, localizada a 150 km da cidade de Curitiba - capital do Estado do Paraná -, está formada por pequenos municípios e tem como característica relevante a presença de comunidades rurais, comunidades tradicionais de faxinais, assentamentos da reforma agrária e comunidades indígenas. A imigração europeia, através da instalação de colônias alemãs, italianas, polonesas e ucranianas, assim como a imigração árabe, a presença dos povos ciganos no município de Irati - tanto na cidade quanto no distrito de Gonçalves Júnior -, e povos indígenas Guarani Mbya - aldeados em Inácio Martins na Terra Indígena Rio de Areia -, contribuíram para a diversidade cultural da região (Lewitski, 2019).

A coleta dos dados aconteceu especificamente nos municípios de Irati e Rebouças. Os encontros para a investigação do trabalho ocorreram durante o ano de 2019, porém o contato com essas mulheres teve início no ano de 2018 durante a participação em diversas atividades em que elas eram integrantes ou protagonistas, como a Conferência Municipal de Saúde em Irati, Jornada de Agroecologia em Curitiba, mesas redondas e rodas de conversa na UNICENTRO e oficinas sobre uso de plantas medicinais que foram ofertadas pelo MASA em diferentes espaços. Houve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, sob o parecer nº 3.410.883 para a realização das entrevistas. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado por cada uma das participantes e para manter o sigilo da identidade de cada uma, seus nomes foram substituídos por nomes de flores para a apresentação de seus relatos.

As protagonistas desse estudo trabalham com uma ou mais práticas alternativas de cura[1], têm entre 28 e 75 anos de idade e todas residem e atuam

[1] Utilizo aqui o termo “práticas alternativas de cura” como um conjunto de práticas de cuidado com a saúde distintas ao modelo biomédico.

nos municípios de Rebouças ou Irati. Dentre as participantes, duas são solteiras, duas são viúvas e três são casadas. Apenas duas delas têm filhos, sendo todos maiores de 18 anos. Realizam suas práticas de cuidado individualmente atendendo as pessoas que as procuram, e coletivamente se fortalecem em espaços de construção e troca de conhecimentos, festividades religiosas populares, em encontros com movimentos sociais, dentre outras atividades. Suas trajetórias de vida são bastante diferentes, podendo-se perceber que a aproximação com as práticas alternativas de cura aconteceu basicamente a partir de dois caminhos: o da transmissão de saberes tradicionais ao passar das gerações como no caso de Hibisco, Anis e Gerânio, ou pela busca por terapias para curas que demandavam tratamentos mais profundos que os oferecidos pela medicina convencional, como aconteceu com Lótus, Girassol, Calêndula e Rosa.

4. RECONECTANDO COM O SAGRADO: ESPIRITUALIDADE, SABERES TRADICIONAIS E PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES

Para afirmar-se como conhecimento, a ciência moderna defendeu com ênfase os seus pontos de vista, gerando certa dificuldade na conciliação entre os modos de percepção da ciência e da espiritualidade. A concepção científica da realidade se fortaleceu principalmente no ocidente e fez com que os valores que permeavam o universo científico como a objetividade, neutralidade, distanciamento e impessoalidade, por exemplo, passassem a ser amplamente aceitos e nortear também as relações humanas (CAVALCANTI, 2004). Segundo a autora, a adoção do materialismo científico como verdade absoluta, associado a outros fatores das dinâmicas que envolvem a sociedade como um todo, criaram uma nova ética destituída de significados espirituais e norteada pela satisfação de necessidades materiais, onde as relações do ser humano com a vida, com a natureza e com seus pares passaram a acontecer de forma prática e superficial.

Ghiso (2016) aponta que as experiências individuais deixam registradas em cada ser, situações, experiências e eventos, formando um repertório de “sentipensamentos”, portadores de imaginação e criatividade que se apresentam, por exemplo, como as versões que cada um tem da realidade. Para o autor, os “sentipensamentos” são uma mostra irrefutável de que algo foi e está sendo, com possibilidade de ser e estar de outra maneira.

Apoiado em saberes e concepções de mundo diferentes da estabelecida na modernidade, no presente trabalho o Sagrado é entendido como algo que transcende a existência humana, podendo ser visto como um grande mistério que se faz presente em tudo o que pulsa. Por conta de tamanha grandeza, destaca-se a impossibilidade de descrevê-lo detalhadamente. Concorda com Ribeiro (2009), no sentido de que a conexão profunda e a comunhão com a vida deságuam no processo de Espiritualidade, no qual o ser humano transcende sua corporeidade e a materialidade das coisas para descobrir o tudo que existe no Todo e, então, expressa um profundo e harmonioso amor por e pelo Universo.

Tanto as mulheres que fazem uso das Práticas Integrativas e Complementares (PICs), que se familiarizaram com conhecimentos surgidos em

diferentes lugares do planeta, quanto as mulheres pertencentes aos povos e comunidades tradicionais com seus conhecimentos locais, buscam vivenciar o Sagrado e prezam por uma convivência mais harmônica do ser humano com todas as formas de vida ao redor.

A partir dos relatos que tecem essa pesquisa, o presente capítulo busca evidenciar a manifestação desse aspecto sagrado a partir de duas perspectivas: internamente através da mente que abriga nossos pensamentos, sentimentos e emoções e externamente através da natureza, da qual nossos corpos fazem parte.

Embora o cenário atual configure um momento de resistência a essas situações colocadas, as mulheres dessa pesquisa protagonizam individual e coletivamente ações identificadas com uma outra noção de desenvolvimento e progresso que fortalecem os processos de emancipação e vínculos comunitários em diferentes dimensões. Isso se evidencia nos quintais produtivos que cultivam em suas casas, na tentativa de fortalecer e resgatar tradições antigas que demonstram que é possível estabelecer outro tipo de relação com a terra e a partir do posicionamento de suas falas tanto nas entrevistas, quanto na participação em diferentes atividades de formação e troca de saberes.

4.1 A ESPIRITUALIDADE E SUA INFLUÊNCIA NA SAÚDE E NA LEITURA DO MUNDO

> A espiritualidade é a gente ter consciência de quem a gente é, ter essa consciência do que se faz, de perceber como eu posso contribuir cada vez mais para um mundo feliz e amoroso. [Girassol]

A espiritualidade se diferencia do conceito de religião por ter um significado mais amplo. A religião é uma expressão da espiritualidade, sendo que a espiritualidade se relaciona com o transcendente, com questões sobre o significado e o propósito de vida e com a concepção de que há mais na vida do que aquilo que pode ser visto ou plenamente entendido. É um sentimento pessoal, que estimula um interesse pelos outros e por si, um sentido de significado da vida capaz de fazer suportar sentimentos debilitantes de culpa, raiva e ansiedade. (THIENGO, 2019)

A conexão que existe entre a cosmologia e a espiritualidade é de grande profundidade e importância, já que a cosmologia lida com questões relacionadas à origem, evolução, destino e ao propósito e lugar do universo e de nós mesmos dentro dele. Para entender a espiritualidade, seria preciso desenvolver uma concepção de ser humano mais profunda e fértil que aquela convencionalmente transmitida pela cultura dominante, que de acordo com Hathaway, e Boff (2012), não entende isso de forma holística e integrada, mas, sob uma visão dualística e fragmentada, afirmando que o ser humano é composto de corpo e alma, ou de matéria e espírito. Os autores afirmam que uma forma de conceber a espiritualidade é entendê-la como uma maneira concreta de incorporar ou viver a cosmologia em nossas vidas, podendo existir dentro ou fora das tradições religiosas formais, partindo do princípio que o ser humano é concretamente um todo complexo, em que tudo nele se entrelaça de forma dinâmica, compondo dessa maneira um sistema vivo e interconectado com múltiplos fatores e dimensões, sendo a *exterioridade*, a *interioridade* e a *profundeza*.

> O ser humano é um ser sociável, faz muito bem pra saúde do ser humano ele se sentir útil, ajudar o próximo e perceber que ele pode fazer a diferença. Sentir nele a centeia divina, se sentir grande, mas se sentir grande por algo maior e não por algo efêmero. [Lótus]

A exterioridade, segundo Hathaway, e Boff (2012) faz referência às relações que os seres humanos mantém com o cosmo, com a natureza, com a sociedade e com os elementos que possibilitam a estadia na Terra, como o ar que se respira, o alimento que se consome e toda classe de energia que nos revitaliza. A interioridade é composta pelo universo psíquico tão complexo quanto o mundo exterior e a profundeza se baseia na capacidade humana de perceber valores e significados e não apenas eventos e ações. Tudo o que acontece tem um caráter simbólico, todo evento nos lembra daquilo que vivenciamos e nutre nossa interioridade.

A dimensão da espiritualidade está viva e pulsante na fala e no cotidiano das mulheres dessa pesquisa, expressando como a dimensão sagrada está presente em suas vidas, assim como em seus ofícios. Três das entrevistadas são benzedeiras que tem seus dons e ofícios reconhecidos pela comunidade, trazendo consigo muitos elementos do catolicismo popular, enquanto quatro

outras que trabalham com práticas integrativas e complementares trazem a experiência de passagem por diferentes tradições religiosas, como mostram os relatos a seguir:

> Então, Deus pra mim tá em primeiro lugar, porque ele dá aquela força, aquela proteção. Certas horas que a gente tá desanimado, a gente começa a fazer pedido pra ele e ele vem. Às vezes a gente tem um amigo né, então, é através desse amigo que a gente consegue se levantar. Se Deus não desse a vida pra gente, a gente não taria aqui. [Hibisco]

> Participei da juventude do Kardecismo, fiz curso na Messiânica, fiz primeira comunhão, então assim, eu vim de umas raízes com muitas religiões. Minhas tias, umas eram budistas, outras kardecistas, outras católicas, tinha até evangélico. Li muitas histórias de santos, histórias espíritas. Quando casei, a família do meu marido era umbandista, então esse convívio com todas as religiões me deu uma abertura muito grande né, até confesso que eu nunca me enquadrei em determinada caixa, porque na verdade não me sentia pertencendo a nenhuma delas e ao mesmo tempo me sentia pertencendo a todas elas. Eu não me conformava que as pessoas pudessem brigar por causa de religião, eu sempre achei que as religiões, todas elas levavam a Deus. [Rosa]

> Eu não sou muito a favor de religião, eu acredito em todas, porque a fé ela muda a sua vida. Ela move montanha e quando você acredita que você vai numa religião, que deus vai te curar, você tem ausência de conflitos e acredita realmente que aquilo de fato vai acontecer, então você atinge uma cura. [Lótus]

No sentido de investigar como a espiritualidade tem sido cada vez mais valorizada como forma de lidar com as dimensões profundas da subjetividade, o estudo de Toniol (2014) associa pesquisas, políticas públicas e promoção da espiritualidade como saúde, para fazer uma retomada da trajetória da questão da espiritualidade na área médica e destaca o número crescente de estudos que tratam do tema, dividindo-o em três períodos que ele chama de pré-1970, entre 1970 e 1990 e pós-1990. No período que chama de pré-1970 comenta sobre trabalhos que estabeleceram categorias-chaves para a posterior inclusão da espiritualidade como indicador de saúde em pesquisas clínicas e citando Hans Baer (2004), destaca a importância de dois conceitos: holismo e bem-estar, que tiveram grande repercussão em trabalhos realizados na década de 1970. No período entre 1970 e 1990, o autor traz como exemplo os trabalhos desenvolvidos por Herbert Benson, com a sistematização dos resultados de quase uma década de suas pesquisas iniciadas na década de 1960 sobre a possibilidade de práticas meditativas controlarem processos químico-fisiológicos

do corpo, destacando ainda, como as terapias alternativas/complementares permitiriam um acesso privilegiado a espiritualidade dos usuários. O período de produção pós-1990 é marcado por pesquisas cada vez mais diversas sobre a dimensão espiritual e o seu impacto na saúde. De acordo com o autor, estudos como os desenvolvidos por Bell e Troxel (2001), Norman, Hawkley e Cacioppo (2008), Garssen, Uwland e Visser (2014) e Smyth e Koenig (2014), por exemplo, correlacionam a espiritualidade e melhoras na saúde, assinalando a espiritualidade como característica não eletiva, que as pessoas podem ou não possuir, mas tratando-a como um elemento substancial e invariavelmente compartilhado.

A espiritualidade impulsiona reflexões acerca das práticas individuais e coletivas que se consolidam em nossa sociedade, relacionadas à esfera do cuidado, das questões emocionais, afetivas e corporais, que foram consideradas inferiores pelo sistema patriarcal que se estabeleceu, deixando como tarefa a problematização e desconstrução de uma série de comportamentos que dificultam a vivência de relações mais livres.

4.2 AS PRÁTICAS ALTERNATIVAS E COMPLEMENTARES COMO FORMA DE CUIDADO

Ayres (2004) aponta que é preciso que o cuidado em saúde considere e participe da construção de projetos humanos, tendo claro que nem tudo que é importante para o bem-estar pode ser imediatamente traduzido e operado como conhecimento técnico. Nesse sentindo, o autor evidencia duas possíveis direções: uma em que a ciência produz o conhecimento sobre as doenças e a tecnologia os transforma em saberes e instrumentos para serem utilizados em intervenções e outro caminho que considera que o modo como se aplicam e se constroem tecnologias e conhecimentos científicos, determina limites para o que pode ser visto como necessário para intervenções em saúde.

As práticas Integrativas e Complementares são ferramentas que potencializam o cuidado, já que tendem a cultivar uma visão integral do ser humano, não fixando barreiras entre corpo, mente e espírito, concebendo a saúde desde uma perspectiva holística, colaborando para a mudança de foco de um sistema voltado para o trato da doença, para um que foque no cuidado com

a saúde das pessoas. De acordo com Andrade e Costa (2010), estas práticas são realizadas sob uma visão de saúde entendida como bem-estar amplo, que envolve uma interação complexa de fatores físicos, sociais, mentais, emocionais e espirituais. Trata-se, portanto, de uma visão integrativa e sistêmica a exigir uma terapia multidimensional e um esforço multidisciplinar no processo saúde/doença/cura.

Os recursos terapêuticos e a diversidade de saberes e técnicas dessas práticas, tem o potencial de facilitar atuações emancipatórias e de cuidado humanizado, que implica considerar o ser humano em sua totalidade (ALMEIDA, 2019), como demonstra o relato abaixo, onde Calêndula retrata sua forma de lidar com as pessoas que a buscam para checagens de bioenergia:

> Tem muita pessoa que já chegou aqui num desequilíbrio tão grande que ela não consegue nem contar o que é que ela tem. Aí trato ela com carinho, eu sento com ela, às vezes eu só converso com ela, coloco um chazinho para acalmar, pra ela então conseguir começar a falar o que é que tá acontecendo, o que ela tá sentindo. [Calêndula]

Na fala das entrevistadas, aspectos energéticos, psicológicos e emocionais se entrelaçam manifestando-se no corpo físico através do aparecimento de doenças. Isso evidencia dentre elas a predominância de uma outra forma de conceber o ser humano e os fatores responsáveis pelo desencadeamento das enfermidades que desenvolve:

> Eu acredito que as doenças é coisa psicológica das pessoas. A pessoa tá com uma dor de cabeça, alguém chega pra ela e fala que ela tá com câncer, que dor de cabeça é isso. Pronto, a pessoa fica pensando que tá doente mesmo, que vai morrer, ou então se tem uma ferida, fica pensando que a ferida é uma coisa grave, que não vai sarar, ai a ferida vai crescendo, não sara mesmo. [Gerânio]

> A doença em si, tanto a doença psicológica como a doença física, ela não começa no físico. Nosso corpo é um corpo físico, a gente vive na terceira dimensão, mas a gente tem outros corpos, a áurea é um campo energético ao nosso redor. Para a doença se manifestar no corpo físico ela tem que atravessar primeiro esses corpos energéticos, o que leva à doença. Quando você tem uma vida desarmônica, quando você não está feliz com a sua vida e vai gerando um desarranjo no corpo energético, estresse, ódio, ranços, ingratidão, você vai balançando e o seu psicológico bagunça o seu campo energético e isso vai ficando denso até atingir o corpo físico. [Lótus]

Além disso, é recorrente a alusão dos estados emocionais e psicológicos aos hábitos individuais, mas também a uma imposição social externa e coletiva, a partir de visões e valores do sistema capitalista que orienta a forma como nos organizamos enquanto sociedade, como por exemplo o imediatismo, alto consumo e produtividade.

> Tanto medo, tanta raiva, preocupações, todas essas coisas, esses sentimentos de ansiedade desse mundo que a gente vive, esse ritmo frenético, a gente se extrapola e muitas vezes nós próprios nos desgastamos, desgastamos o nosso corpo, né? Então você acaba adquirindo algumas doenças, mesmo que você tenha uma alimentação saudável, tente ter uma vida saudável, a cobrança das metas é muito grande. [Rosa]

Com relação às demandas pelas terapias alternativas e complementares, Toniol (2015) cita as Conferências Nacionais de Saúde, mencionando o documento resultante de sua 8ª edição que acontecia no cenário de redemocratização no Brasil em 1986. Essa conferência subsidiou a formulação da seção “Da saúde” na Constituição Federal e a lei que daria início ao processo de criação do SUS em 1990. Esta foi uma das ocasiões inaugurais, na história recente, em que as terapias alternativas e complementares foram oficialmente demandadas ao Estado, justificadas pelo direito democrático do usuário poder escolher a terapia preferida para ser tratado e não por aspectos relativos ao modo de funcionamento dessas práticas ou por sua legitimidade no campo médico científico. Em outras conferências, as demandas relativas às terapias alternativas e complementares passaram a se direcionar a terapias específicas e estabelecer em quais níveis de atendimento essas práticas deveriam ser instituídas, enfatizando as práticas como acupuntura, fitoterapia e homeopatia.

As PIC concentram em si o importante e estratégico desafio de romper com o monopólio tecnológico da farmacoterapia no cuidado terapêutico, excessivamente medicalizador e iatrogênico. Nesse sentido, elas podem ser consideradas uma rica fonte de recursos interpretativos e terapêuticos capaz de diversificar as abordagens de muitos problemas trazidos pelos usuários aos profissionais (TELESI JR, 2018 apud FERRAZ, 2020).

Nas últimas décadas, houve uma crescente revalorização das PIC com o aumento da demanda, legitimação social e regulamentação institucional delas,

inclusive, em países de alta renda, em que o uso da biomedicina está bem estabelecido e disseminado (WHO, 2013).

Tal relação foi comprovada por meio do aumento crescente no volume de pesquisas científicas sobre várias PICs e sua institucionalização nos serviços de saúde, sendo que parte do uso dessas terapias ocorre de forma autônoma, antes, depois ou em paralelo ao cuidado biomédico, num contexto de pluralismo de cuidados com a saúde. Esse avanço científico e institucional foi induzido pela crescente popularidade dessas práticas pelas populações, devido ao fácil acesso e eficácia relativa em locais de baixa renda, insatisfações com a biomedicina, movimentos culturais fomentadores da revalorização das PIC, estímulo à participação no cuidado, melhor experiência e relacionamento terapeuta-usuário (TELESI JR, 2016),

Em 2006, com a publicação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares - PNPIC (BRASIL, 2006) e a elaboração de legislações estaduais e municipais, o escopo de terapias mencionadas em documentos oficiais foi ampliado. Segundo Oliveira (2013), as PIC estão sendo procuradas por pacientes de diversas áreas, como por exemplo, na oncologia, psiquiatria, em tratamentos de distúrbios como ansiedade, no tratamento da dor do membro fantasma, na imunologia, por pacientes com imunossupressão, na infectologia, na pneumologia, tratamento de asma, na reumatologia e na obstetrícia.

Segundo Ferraz (2020), a PNPIC surgiu da necessidade de se definirem abordagens para essas práticas em todo o território nacional, visto que, anteriormente, as experiências estavam ocorrendo de forma desigual e desorganizada. Sua implementação justifica-se por fatores de natureza política, técnica, econômica, social e cultural.

No entanto, a autora considera como prováveis empecilhos para a implantação e implementação das PIC no SUS o desdobramento do desmonte do Estado iniciado em 2016 e a nova conformação política que o país vivencia desde 2017, com a Proposta de Emenda Constitucional – PEC 95, que congela os investimentos públicos em 20 anos, sendo percebidos os seus impactos com

cortes substanciais dos financiamentos à Saúde, que podem assim prejudicar os avanços das PIC no sistema público de saúde (FERRAZ, 2020).

No Estado do Paraná, as diretrizes para as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde no âmbito do SUS foi instituída em 2018 a partir da lei nº19785 (PARANÁ, 2018), buscando estimular os mecanismos naturais de prevenção de doenças, promoção e recuperação da saúde. De acordo com o texto legal, as PIC podem ser incorporadas nos diferentes níveis de atenção em saúde e incentiva o cultivo de plantas medicinais. Além disso, prevê que as práticas devem ser multidimensionais, incluindo aspectos mentais, físicos, emocionais, vitais, espirituais e comunitários de maneira integrada. A lei considera 29 diferentes modalidades de Práticas Integrativas e complementares, sendo que dessas, a fitoterapia, Reiki, yoga, aromaterapia, e florais, são práticas realizadas pelas mulheres que fazem parte desse estudo.

4.2.1 INTEGRAÇÃO DE PRÁTICAS BIOMÉDICAS ÀS ALTERNATIVAS

Lótus que atua como médica do SUS, instrutora de yoga e faz uso de terapias holísticas, acredita que o estado saudável de um indivíduo está baseado em três elementos, como mostra seu relato:

> Primeiro: a alimentação orgânica, com baixo consumo de açúcar e uso de gorduras saudáveis. Segundo: atividade física, é essencial pelo benefício circulatório e muscular. E o terceiro: a saúde mental. E a saúde mental é influenciada por vários quesitos, o que você vê, escuta e sente, influencia o subconsciente, por isso é importante ter cuidado com o que você tá assistindo na televisão. O que você tá vendo? Coisas de violência, que vão baixar sua autoestima, vão te trazer medo, insegurança? Vai ficar vendo vida de pessoas nas redes sociais, que é tudo mentira, linda, maquiada, tirando foto com carro que as vezes ela nem tem, que ela só tá feliz todo dia, ai você olha pra aquilo e acha que a vida é uma porcaria. [Lótus]

Lótus finalizou sua graduação em medicina em 2015, que foi bastante focada no uso de medicamentos alopáticos para tratamentos. Conheceu o universo das formas alternativas de cuidado com a saúde através de um médico que trabalha com medicina integrativa e alimentação viva, porém, sua aproximação com as práticas integrativas e complementares se deu a partir de uma experiência pessoal na qual a medicina convencional não colaborou efetivamente para a resolução dos problemas que enfrentava, ressaltando a

importância da saúde mental e de como outras terapias podem contribuir nos processos de cura:

> Você tem que se alimentar com coisas positivas, música que traz harmonia, sentir cheiros que remetam coisas boas, ter na sua casa visualizações de coisas que você quer. [Lótus]

O autoconhecimento é considerado por Lótus uma ferramenta fundamental para possibilitar a percepção de falhas, pontos positivos, situações repetitivas e aspectos individuais que podem ser melhorados. Ela menciona a constelação familiar e o *thethahealing* como terapias que trabalham e transmutam aspectos passados, sejam eles individuais ou relacionados às histórias dos nossos antepassados. A partir dessa perspectiva, a mente é criadora da realidade e os pensamentos influenciam diretamente nosso campo energético, sendo a falta de fé o que mais o enfraquece.

> [...] quando você deixa de acreditar que tem algo maior pra você, ou que você tem uma centeia divina, que você é capaz de enfrentar qualquer problema. Quando você deixa de acreditar nisso, você fica fraco e aí os pensamentos negativos, as energias negativas influenciam você e acabam virando doença. Então, eu acredito que o principal fator pra você ser saudável é você acreditar em você mesmo, traçar princípios, ideais e além disso gostar de você mesmo. E como que você vai gostar de si mesmo? Você vai gostar de si mesmo se você se respeitar, levando uma vida que você acredita ser correta, ter projetos, ter objetivos de realizações. Às vezes as pessoas se realizam com coisas efêmeras, com coisas passageiras, mas além desse planejamento efêmero, tem que ter um algo a mais, algo que vai mudar a vida dela e do coletivo. [Lótus]

Segundo Lótus, a homeopatia e a acupuntura são as terapias integrativas mais aceitas pela medicina convencional e o Reiki vem ganhando espaço dentro dos hospitais, porém, a maioria das pessoas que chegam no consultório querem sair dele com a prescrição de alguma droga. Essas drogas podem ser receitadas pelos médicos para aliviar determinados sintomas, porém, sem que necessariamente sejam questionados os motivos por trás deles, que são geradores dos desequilíbrios, que em sua visão, na maioria das vezes têm causas psicológicas.

Para Tesser e Barros (2008) a medicalização social está ligada às formas legitimadas, oficializadas e profissionalizadas de cuidado e tratamento lideradas pela biomedicina. Paralelamente a isso, os autores apontam que as práticas integrativas e complementares podem representar uma estratégia para

minimizar o processo de medicalização social do cuidado à saúde, afirmando que o potencial desmedicalizante das PIC vem da analogia com a política de redução de danos, afirmando que parece menos iatrogênico e mais enriquecedor para a cultura de saúde-doença dos usuários do SUS um contingentes de pessoas que adotam essas práticas, do que uma população que exige do sistema intervenções químico-cirúrgicas para qualquer incômodo.

Tais afirmações vão ao encontro do relato de Lótus que presenciou casos de pacientes que vinham tomando fluoxetina, um ansiolítico disponibilizado pelo SUS, e que através de técnicas de respiração para alívio de estresse, diminuíram as doses do medicamento.

No período em que ocorreu o encontro com Lótus, ela trabalhava fazendo plantões em uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA), e como médica no Programa Saúde da Família (PSF) tinha mais tempo para conversar com os pacientes. Ela acredita que um dos elementos principais na relação do cuidado é a escuta, dar atenção, ouvir e de fato perceber a dor do outro. Segundo Ayres (2004), o importante é justamente a permeabilidade do técnico ao não-técnico, o diálogo entre essas dimensões interligadas, permitindo uma transformação das ações assistenciais propriamente ditas.

A Política Nacional de Humanização (PNH), foi lançada em 2003, buscando estimular a comunicação entre gestores, trabalhadores e usuários para construir processos coletivos de relações de poder, trabalho e afeto que muitas vezes produzem atitudes e práticas desumanizadoras que inibem a autonomia e a corresponsabilidade dos profissionais da saúde em seu trabalho e dos usuários no cuidado de si. (BRASIL, 2013)

A capacidade de ausculta e diálogo tem sido relacionado um dispositivo tecnológico de destacada relevância nas propostas de humanização da saúde: o acolhimento. Com uma escuta qualificada oferecida ao usuário é possível garantir seu acesso oportuno a tecnologias adequadas às suas necessidades, ampliando a efetividade das práticas de saúde. (BRASIL, 2013)

Durante as conversas com os pacientes surgem oportunidades de falar, por exemplo, sobre o uso de chás e técnicas de respiração para o relaxamento utilizados no yoga, como mostra o relato de Lótus:

> Ela tava hiperventilando, chorando, não conseguia falar, e o médico geralmente daria para ela uma injeção de Diazepam ou então Fenergan, porque ela tava histérica. Eu tinha um tempo ali, então tirei os familiares da sala, borrifei um Commander, que é um cheirinho que deixa a pessoa mais tranquila que a gente usa no yoga e liguei um mantra bem suave. Ela ficou meio espantada, tipo, o que que tá acontecendo? O que que essa médica tá fazendo? E eu fui conduzindo a respiração dela, foi bem interessante porque essa paciente nunca tinha meditado, ela tava no momento de crise ali, de desespero, se viu sozinha comigo e confiou em mim fazendo uma meditação guiada, ela se entregou realmente para respiração que eu fui fazendo com ela, foi relaxando e quando ela se tranquilizou ai pudemos conversar. No final da nossa conversa falei o que eu estava fazendo poderia ser novo pra ela, mas que se eu tivesse dado a injeção ela ficaria sonolenta, ia embora carregada, ia dormir e no outro dia o coração não ficaria nem um pouco aliviado. Injeções e calmantes não resolvem os problemas. [Lótus]

De acordo com Souza (2018) as tecnologias em saúde incluem saberes que operam para organizar ações humanas e inter-humanas em seus processos produtivos, dividindo-se em: tecnologia leve (das relações), leve-dura (saberes agrupados que direcionam o trabalho) e dura (equipamentos e máquinas).

Embora as características do modelo biomédico ainda sejam predominantes, o relato de Lótus demonstra que as tecnologias leves podem funcionar na prática. A humanização do atendimento que destaca o acolhimento, a escuta, a identificação de problemas e intervenção resolutivas, vai ao encontro dessa concepção de ser humano como um todo complexo.

O conhecimento Lótus sobre a utilização de técnicas que provém das PIC, permitiu que ela utilizasse outras ferramentas para dar conta das necessidades da paciente a qual se refere. Além de cumprirem uma função instrumental, essas outras formas de cuidado podem incentivar mudanças na relação entre os profissionais de saúde e as pessoas atendidas, tornando-a mais humana e amorosa, atributos essenciais em situações de sofrimento ou de busca por qualquer classe de cura.

4.2.2 YOGA E MEDITAÇÃO NO PROCESSO DE AUTOCONHECIMENTO

Girassol é graduada e mestra em Engenharia Florestal e atualmente trabalha principalmente com o yoga, mas também utiliza o *mignified healing*, Reiki, radiestestia e o pêndulo como como ferramentas no processo de cura.

Tive oportunidade de participar de algumas práticas de Yoga, na qual era ela a instrutora, especialmente nos terceiros domingos do mês na Colônia de Equilíbrio Dom Inácio de Loyola. As práticas costumam começar quando sentados, são realizadas respirações em que a entrada e saída do fluxo de ar acontece alternadamente pelas narinas, os chamados pranayamas. Realizam-se diferentes posturas, também chamadas de ássanas, onde orienta-se que a atenção se mantenha no corpo para que seja possível percebê-lo dentro de cada uma das posturas. No fim das posturas costuma haver a entoação de um mantra e inicia-se a partilha das impressões sobre a experiência de cada um na prática realizada.

É bastante comum que durante a partilha das experiências, uma série de questões emerjam e sirvam como ponto de partida para o diálogo entre o grupo presente. Essas questões costumam englobar desde aspectos físicos, a associações da prática com atividades ou comportamentos do cotidiano individual, coletivo e planetário. Para Girassol, esses momentos de reflexão que as práticas de yoga proporcionam, incentivam o olhar para dentro, para si mesmo e para as atitudes individuais. O fazer-se consciente de certos aspectos de nós mesmos que a prática proporciona, somado à partilha de percepções feitas no grupo e a possibilidade de olhar para as mesmas questões a partir de um outro ponto de vista, potencializa a mudança de certas atitudes.

> O yoga na verdade é uma filosofia, um caminho de autoconhecimento. Se a prática não propicia esse caminho de autoconhecimento, então, você não tá fazendo yoga. Tá fazendo alguma outra atividade que pode envolver pranayama, que pode envolver os ássanas, mas se ela não possibilitar esse espaço de se olhar, de se conhecer, então para mim não é yoga, é uma prática física e mental, talvez de concentração. [Girassol]

Girassol acredita que estamos passando coletivamente por um processo de transformação e superação desse modelo que se estabeleceu na modernidade. Sua trajetória no universo das terapias alternativas teve início em 2013, quando por questões pessoais, em meio a processos de mudanças em diversos aspectos de sua vida, começou a realizar práticas de meditação que posteriormente a levaram até o yoga, prática com a qual diz ter sentido muita afinidade desde o primeiro contato. Conta que quanto mais se aprofundava nas práticas e na filosofia, aumentava seu interesse de se aprofundar nesse tipo de conhecimento, o que a levou posteriormente ao Reiki e ao Magnified Healing.

> Eu acho que a gente tá caminhando para um ponto assim de começar a olhar mais nessa profundidade que é o ser na verdade, né? Essa parte que a gente enxerga com esses olhos biológicos é apenas uma pequena fração do que é o todo. A gente tem mais um monte de coisas por trás disso. [Girassol]

No que diz respeito ao yoga, Walton (2011) aponta para pesquisas que mostram resultados bastante interessantes a respeito de sua ação no aspecto fisiológico. Conforme Pullen (apud WALTON, 2011), pessoas com insuficiência cardíaca apresentaram melhora significativa dos níveis de biomarcadores, como a proteína C-reativa e a interleucina-6, fazendo com que os níveis de inflamação reduzam. Dolgonos (apud WALTON, 2011) fala sobre a estímulo que o yoga causa no sistema nervoso parassimpático, acalmando e equilibrando o sujeito após uma situação estressora. Ainda sobre o funcionamento do sistema nervoso parassimpático, a autora denota que, quando ativado, esse sistema direciona o sangue para glândulas endócrinas, sistema digestivo e circulação linfática, ao mesmo tempo em que diminui a pressão arterial, fazendo com que o organismo extraia mais nutrientes dos alimentos, bem como elimine as toxinas de modo mais eficiente (DA ROSA et. al; 2017).

Segundo os autores, a prática do yoga pode oferecer uma série de benfeitorias, como por exemplo o direcionamento ético do cuidado de si, maior capacidade de reconhecer em si determinada dificuldade, maior capacidade de compreensão ao outro, autocompreensão, melhorias no funcionamento do organismo e o desenvolvimento de habilidades sociais a partir do conceito de não-violência contra si, contra o outro e contra o mundo.

> As mudanças que o yoga pode proporcionar é algo muito pessoal, e vai depender de cada um né, agora o que o yoga traz que é para todo mundo é esse autoconhecimento. Observo que as pessoas ficam mais centradas, têm mais consciência de si e isso é muito importante. Se eu não me conheço, como que eu vou agir no mundo? Muitas vezes por eu não me conhecer eu sou agressiva comigo, sua agressiva com as pessoas. Para mim, parte tudo desse autoconhecimento. A gente consegue observar aqueles gatilhos, de que de repente você tá bem, aí parece que não aconteceu nada, mas você muda o seu humor, fica estranha, nervosa, e quando você compreende esses mecanismos você começa a ter mais autocontrole, né. A única coisa que a gente controla é a nossa mente. [Girassol]

O yoga como prática alternativa se mostra como uma boa alternativa no que concerne à atuação do indivíduo em sua própria promoção de saúde biopsicossocial, especialmente no que diz respeito à promoção da saúde mental,

bem como na prevenção e recuperação do sujeito em sofrimento psíquico (DA ROSA, 2017). Segundo Kupfer (2016) embora haja várias formas de se definir o yoga, ele teria surgido com o propósito de receber crescimento pessoal, trazendo uma visão especial sobre o ser humano, harmonizando corpo e mente.

> O yoga trabalha todos os aspectos do ser humano e é uma prática extremamente completa porque trabalha o corpo, trabalha o mental, trabalha o sentimental, o espiritual, tudo numa prática só. O yoga é o controle da mente, todos os processos do mundo começam na nossa mente. No yoga a gente trabalha então o físico, que são os ássanas; trabalha a respiração, que são os pranayamas e trabalha a meditação, que na verdade é uma sequência de processos: a abstenção dos sentidos, a concentração e a meditação. Tudo isso para gente chegar ao Samadhi, que é um momento muito pontual e diferente, e por mais que eu explique, nunca ninguém vai conseguir entender sem experienciar, mas é quando você atingir essa conexão com o todo, aí você se sente o vazio e ao mesmo tempo se sente o todo. [Girassol]

De acordo com Votto e Carvalho (2019), a psicologia científica se apropriou da meditação como uma técnica promotora de saúde, bem-estar e prevenção de doenças, a qual se dá por meio do treinamento na autorregulação da atenção, ou seja, por meio dos processos atencionais o indivíduo desenvolve a capacidade de monitorar e gerenciar os seus próprios processos mentais e comportamentais. Os autores trazem exemplos como os trabalhos de Walsh e Shapiro (2006) e de Cardoso, Souza, Camano e Leite (2004), que em suma delimitaram o ato de meditar como um treinamento da autorregulação o qual se dá por meio de práticas corporais e mentais voltadas para o treinamento da atenção e da consciência no momento presente, e que produz algum relaxamento e desenvolve um maior bem-estar e/ou capacidades mentais específicas de acordo com o objetivo da prática.

No que diz respeito às pesquisas com meditação no cenário científico atual, de forma geral, pode-se observar que elas focam em evidenciar a presença ou ausência dos diversos efeitos físicos e psicológicos positivos relacionados à prática da meditação. Menezes e Dell'Aglio (2009 apud VOTTO E CARVALHO 2019), em uma revisão acerca das evidências dos benefícios da meditação e do seu papel na aplicação clínica, encontraram estudos que vêm mostrando a eficácia da meditação especialmente em relação à capacidade do meditador em gerar uma série de respostas físicas e psicológicas que podem

auxiliar na prevenção do estresse e da ansiedade, no aumento do manejo de problemas de saúde já instalados, na promoção de saúde mental e na autorregulação da atenção.

Para Girassol, o físico é uma manifestação da parte energética e se relaciona com os aspectos mentais e espirituais. Apoiando-se nos saberes advindos da química orgânica, que afirma que os compostos de carbono são o centro de vida em nosso planeta, incluindo as moléculas helicoidais gigantes que contêm toda nossa informação genética e as proteínas que catalisam todas as reações em nosso corpo, constituindo dessa forma os compostos essenciais de nosso sangue, músculos e pele (SOLOMONS et, al 1999).

> Se a gente pensar que tudo é carbono, então os nossos antepassados morreram e entraram na reciclagem de nutrientes. Então eu sou eles e a minha matéria é feita de parte deles. Não é uma coisa assim fantástica, meus antepassados não estão lá no passado, acho que eles estão aqui nas minhas células de verdade. [Girassol]

Girassol também destaca que os seres humanos tendem à repetição, o que faz com que reproduzam padrões dos pais, que os assimilaram dos avós, replicando os padrões dos bisavós e assim sucessivamente, em uma sequência de repetições profundas e inconscientes.

> No fim das contas a nossa mente desencadeia os processos e eles aparecem no corpo físico, e os nossos sentimentos, boa parte deles vem das nossas próprias famílias, por conta dos padrões comportamentais e sentimentais que a gente vai passando de geração para geração. [Girassol]

Nesse sentido, Girassol se refere à constelação familiar como uma ferramenta que colabora nos processos de cura. A constelação familiar é uma terapia também prevista na PNPIC, que relaciona os fatores contextuais e condicionantes de doenças, às diversas dinâmicas familiares que atravessam gerações, e ao enredamento de pessoas em destinos alheios, limitando suas possibilidades de vida e contribuindo para manter os seus sintomas (HAUSNER, 2008). De acordo com o autor, as constelações familiares nos mostram como os traumas dos antepassados a que nos vinculamos pelo destino continuam a atuar através de gerações e influenciam a vida dos descendentes.

> Acho que ajuda muito principalmente a gente conseguir enxergar aquelas coisas que a gente está presa, aquelas questões familiares que a gente não consegue ver, porque quando você tá no meio da bagunça ali, fica difícil perceber. Você vai naquele fluxo louco, sem entender muito bem as coisas, mas quando você tem a possibilidade de olhar por outro ângulo, aí parece que as coisas ficam um pouco mais claras. [Girassol]

Ao encontro das colocações de Girassol, Rosa destaca que o perdão também faz parte dos processos de cura, sendo que um dos aspectos trabalhados na constelação familiar seria o perdão em relação aos pais.

> Os pais deram tudo que eles podiam, eles deram a vida a você e eles não precisam te dar mais nada. Você que tem que fazer o seu caminho, as suas escolhas. Hoje as pessoas ficam esperando que os pais façam tudo, eles dão na medida do possível, então, se perdoar e perdoar os pais e a família é fundamental, porque se eles não fizeram o melhor é porque eles não enxergaram melhor. Tá tudo certo, nós temos os pais que nós merecemos, que nós precisamos para nossa caminhada, para aquilo que nós escolhemos antes de vir. Tá tudo certo na vida, nós estamos aqui para aprender, não precisamos ser tão rígidos conosco nem com os outros, não precisamos assumir a cadeira de Juiz. [Rosa]

Os relatos de Girassol chamam atenção para o fato de que embora não possamos controlar a realidade ao nosso redor, podemos percebê-la, processá-la e vivê-la desde diferentes perspectivas. O autoconhecimento e o controle da mente podem colaborar para que os acontecimentos externos, não desequilibrem o interior do nosso ser. É inegável que existe um mundo material que induz determinados comportamentos na sociedade, mas vivemos com ele uma relação dialética, em que ao mesmo tempo em que recebemos essas influências, nossa intervenção em seu funcionamento também se faz possível.

As falas de Girassol demonstram que ações concretas dos indivíduos primeiramente diante de si e posteriormente em relação ao que se apresenta ao redor, são elementos que potencializam mudanças profundas, a partir de atitudes que possibilitem o fortalecimento de relações mais compreensivas, amorosas e menos violentas consigo próprio e com toda a vida manifestada no entorno.

Figura 1 - Girassol em uma prática de yoga. Irati, 2019. Foto: Mariana Nunes Candido.

4.2.3 FLORAIS DE BACH, REIKI E CROMOTERAPIA NA BUSCA DE EQUILÍBRIO

Rosa é mestra em Zootecnia e doutora em Ecologia e Recursos Naturais. Por muito tempo trabalhou como pesquisadora com conservação de florestas e atualmente se dedica a atividades relacionadas à agroecologia e às práticas integrativas e complementares na Colônia de Equilíbrio Dom Inácio de Loyola, no município de Irati.

Um dos primeiros encontros que tive com Rosa foi durante a Conferência Municipal da Saúde, em Irati, onde estavam sendo discutidas questões acerca da implementação das Práticas Integrativas e Complementares no Município. A encontrei também em espaços coletivos de fortalecimento da agroecologia na região e visitei e conheci a Colônia Dom Inácio de Loyola a partir de uma oficina de uso de plantas medicinais e feitio de remédios ofertada por uma das Benzedeiras do Movimento Aprendizes da Sabedoria – MASA no local.

A colônia tem uma linda área de contemplação, cercada de Natureza, e oferece diferentes terapias, das quais fiz uso especialmente dos florais, da meditação e da cromoterapia. Quando se chega na Colônia, Rosa acolhe os visitantes na sala principal, onde sentados participam de uma meditação guiada. Costuma-se ler algum texto e a partir dele refletir sobre alguns aspectos antes de iniciar a meditação, que visa acalmar e conectar os participantes com as vibrações de amor e cura na quais são realizados os trabalhos. De acordo com Rosa, as buscas das pessoas que vão até a Colônia geralmente se relacionam ao equilíbrio de aspectos físicos, emocionais ou de crescimento interior.

Para Rosa, relações mais próximas, especialmente entre casais, traz à tona traumas e problemas que podem ter se iniciado ainda na infância:

> Nós olhamos pro outro e passamos muito tempo projetando nele os nossos problemas, até eu um dia em que a gente desperta e percebe que os problemas são nossos, que nós trazemos das nossas raízes, quiçá até de outras vidas. [Rosa]

Foi a partir dessa percepção que Rosa intensificou sua busca para se liberar de dores, traumas, medos, raivas e falta de perdão dos quais não tinha tanta consciência, utilizando instrumentos como a psicoterapia, os florais, a bioenergia e a constelação familiar.

As responsabilidades, preocupações, cobranças e o ritmo frenético que seu envolvimento em projetos enquanto pesquisadora traziam, acabaram se manifestando fisicamente em suas articulações, o que a incentivou a tomar a decisão de não fazer uso de remédios paliativos, mas buscar a cura do que estava causando essa doença.

> Tá na hora da gente fazer alguma coisa por nós e parar de querer que o outro faça, de responsabilizar o outro. Quando a gente consegue enxergar que somos nós mesmos que precisamos fazer algo, acho que tudo fica mais fácil, porque tudo na nossa vida é construída por nós. É difícil admitir que você tá doente porque foi você mesmo que foi por aquele caminho, pelas suas escolhas. A gente não quer, né? Mas se responsabilizar não é se culpar, porque se culpar te paralisa. Todo dia é dia de recomeçar e de se abrir às novas oportunidades [Rosa].

Um sonho que Rosa teve, com uma mulher que dizia saber o que ela tinha e estar disposta a ajudá-la, foi o gatilho que a fez começar a trabalhar com as práticas integrativas e complementares. Na busca de um livro que a ajudasse a

encontrar significados naquele sonho, acabou se deparando com um livro de Florais, em que a cada página que era aberta descrevia um floral que atendia às demandas que se apresentavam naquele momento, o que a incentivou a fazer uso dessa terapia. A partir da conclusão de um curso de florais, começou a realizar os atendimentos fazendo uso dessa prática e posteriormente tornou-se Reikiana.

O projeto da Colônia de equilíbrio Dom Inácio de Loyola começou a ser idealizado por Rosa e seu esposo depois de uma visita a Findhorn, uma comunidade espiritual na Escócia, conhecida pelo seu trabalho com as plantas e a comunicação com os reinos naturais. Inspirados pela comunidade, decidiram que o local que estavam projetando trabalharia com a agroecologia, mas seria dirigido pela espiritualidade. A Colônia de Dom Inácio, fez parte dos sonhos e ideais de Carlos, que embora não tenha participado presencialmente da inauguração do espaço, é considerado um dos patronos da casa junto a Dom Inácio de Loyola e Nossa senhora Aparecida.

> Aqui se transformou numa casa de oração espiritual ecumênica, filantrópica, beneficente, cultural, agroecológica, religiosa, espiritual. Na minha caminhada surgiram várias portas que foram se abrindo, que foram servindo de alento, que foram me fazendo enxergar mais amplo, meu marido também era uma pessoa que e ensinou muito. Ele sempre dizia: “só vamos subir na astronave”. Ele já era uma pessoa que veio de uma família espírita, que tinha outro entendimento né, um entendimento mais amplo e eu também, e isso foi se tornando sempre mais forte. [Rosa]

A Colônia tem como missão contribuir no desenvolvimento humano e crescimento espiritual, aspirando o bem-estar do ser de forma integral e no respeito, conservação e evolução do Planeta Terra. Os tratamentos espirituais são realizados por meio de orações e meditações guiadas:

> O que a gente faz aqui é tentar mostrar para as pessoas que nós precisamos nos reconectar com Deus e com o Divino consagrado em nós, então sempre começamos com uma meditação e oração para a pessoa esquecer do estresse, relaxar e poder sentir o divino, se reconectar e ao mesmo tempo se abrir. Aqui nós temos um processo de canalização espiritual, nós vamos então seguindo as orientações espirituais para através da meditação e oração sentir o amor e a paz de Deus. [Rosa]

Ademais, também oferece tratamentos complementares como os florais de Bach, Reiki, Cromoterapia e conta com um lindo bosque para atividades de contemplação e meditação:

> Tudo isso aqui foi pensado e harmonizado para que as pessoas venham fazer a meditação ao ar livre se conectar com a natureza, com a mãe divina, com a mãe Terra, com seres da natureza, com seres de luz tanto do reino vegetal, como animal, como mineral. É a contemplação que nos faz tanto bem, né? A contemplação dessa grandiosidade da beleza de Deus, porque Deus é beleza, é alegria, quer nos ver felizes e satisfeitos. [Rosa]

Edward Bach, foi um médico nascido em Moseley, na Inglaterra, em 1886, quem desenvolveu os florais de Bach nos anos de 1930. Ele descreveu um elo real entre emoções, somatizações e enfermidades, caminho pelo qual também se poderia estabelecer a cura (GIMENES, 2004).

Por meio do entendimento da relação das emoções humanas com a energia das flores, estabeleceu o que chamou de um “novo sistema de cura”, onde aqueles que não são médicos e nem mesmo enfermeiros, poderiam cuidar de seus semelhantes, exercendo prática simples, por meio do uso das essências florais. Dr Bach atesta que quando os florais são ingeridos percorrem um caminho específico pelos corpos físico e sutil, passando pelo sistema circulatório, sistema nervoso, gerando uma corrente eletromagnética que se desloca para os meridianos e penetra nos chakras e corpos sutis onde será processado e amplificado (BACH, 2006)

A terapia floral faz parte de um campo emergente de terapias vibracionais, de características não invasivas, que são feitas a partir de plantas silvestres, flores e árvores do campo, tratam as desordens da personalidade e não das condições físicas, com o propósito de harmonizar o corpo etéreo, emocional e mental. O potencial energético das flores é o que fundamenta essa terapia e as flores colocadas na água imprimem nela padrões que correspondem a níveis da consciência (SALLES, 2012).

Na Colônia de Dom Inácio, parte-se do princípio de que o Eu superior de cada um que busca essa terapia tem plena consciência e capacidade de apontar os florais necessários para o enfrentamento dos processos pelos quais passa no momento. São utilizadas um jogo de 39 cartas ilustradas, sendo cada uma delas

correspondente a uma essência floral. A orientação é que no momento de escolher as cartas, nos concentremos e confiemos em nossa intuição para escolher sete imagens que mais chamem atenção. As imagens escolhidas são levadas à terapeuta que está trabalhando no feitio dos florais, que entrega de volta um recipiente com as essências que foram utilizadas e sua indicação de uso. Há também um material de apoio que permite consultar a área em que cada floral atua.

A Colônia também oferece o Reiki como terapia e método natural de harmonização e reposição energética pelo toque das mãos, a fim de promover o equilíbrio e o bem-estar em consequência da elevação da vibração de todos os átomos do corpo que o Reiki proporciona, o que favorece a saúde em diferentes níveis. Essa é uma terapia bastante simples realizada a partir da imposição de mãos, e uma das práticas mais procuradas na Colônia.

É uma antiga arte oriental de canalizar Energia Vital Universal pela imposição das mãos, redescoberta no Japão, no início do século XX, pelo Dr. Mikao Usui, médico japonês, tendo sido introduzida nos Estados Unidos da América por volta de 1940 e a partir de 1982, o Reiki se difundiu pelo mundo. O Reiki traz a energia cósmica, universal, que é uma energia de altíssima vibração, fora da ressonância da vibração humana. Através dos símbolos do Reiki é estabelecida uma ponte conectando o incompreensível (infinito) com a nossa realidade percebida (finita).

Rei significa universal, espírito transcendente, e refere-se à essência energética cósmica que permeia todas as coisas e circunda todos os lugares. Ki é a energia da vida, o mesmo que *prana* para os Indus, *chi* para os chineses, *luz/espírito* santo para os cristãos, *bioplasmática* para os russos, *força de cura* para Hipócrates. O Reiki é um processo de encontro dessas duas energias, que ocorre após a pessoa ser sintonizada por um mestre habilitado; é um sistema de transformação que ativa e restaura as energias do ser humano, resgatando sua saúde. A força vital flui em nós e nutre nossos órgãos e células, possibilitando a vida. Quando esse fluxo é impedido ou reduzido, a atividade de um ou vários órgãos ou tecidos do corpo físico fica debilitada. O Reiki, ao fluir através das zonas afetadas, vai remover bloqueios e restabelecer o fluxo normal da energia vital que, por sua vez, reparará os órgãos danificados. Ao aumentar a frequência

de vibração dos campos energéticos, dentro e à volta do corpo físico, quebram-se os campos de energias discordantes ou agressivas. Imediatamente à aplicação do Reiki, aumenta consideravelmente o suprimento de oxigênio no sangue e nas células. Isto juntamente com o relaxamento profundo advindo da aplicação, torna o Reiki um efetivo tratamento contra o stress e a ansiedade. Curar com Reiki significa curar com luz e curar por meio do amor incondicional. A aplicação se faz através das mãos de um praticante, preparado para canalizar a energia universal, em diferentes partes do corpo de uma pessoa. (Colônia de Equilíbrio Dom Inácio de Loyola, 2020)

A técnica do Reiki Usui é geralmente ensinada em quatro níveis. No primeiro nível, a energia se relaciona com corpo físico, dissolvendo as causas de tensões e bloqueios que impedem o fluxo de energia e causam doenças, focado na cura física e melhoria da saúde. No segundo nível, a energia atua em ajustes do corpo sutil, relacionado com os padrões mentais e emocionais. No terceiro, a energia atua no nível da consciência e canaliza uma energia semelhante à da oração. O quarto nível, considerado mestrado, aprende-se como proceder às iniciações e ensinamentos dos níveis anteriores (DA SILVA, 2019).

Além disso, no mesmo sentido de trabalhar equilíbrios energéticos, a Colônia também disponibiliza o tratamento através da cromoterapia. A cromoterapia é uma prática que consiste no emprego da luz cromatizada no tratamento de situações-problemas psíquicas e biológicas envolvidas em processo de desarmonia energética humana. Embora possa desdobrar-se em correntes diversas, a mais importante é aquela que faz a aplicação diretamente nos centros de força denominados chakras. Cada um deles é responsável pela harmonia energética de determinadas funções biológicas, psicológicas ou parapsicológicas (Colônia de Equilíbrio Dom Inácio de Loyola, 2020)

Segundo Lozano (2012), a luz é energia e o fenômeno da cor é um produto da interação de energia e matéria. De acordo com o autor, toda matéria orgânica ou inorgânica tem uma equivalência energética e uma cor, a qual a cromoterapia utiliza com uma função preventiva e terapêutica. A luz é parte fundamental nos processos moleculares invisíveis, excitando as moléculas e

modificando seus níveis energéticos, possibilitando uma série de reações bioquímicas.

A cromoterapia utiliza as cores do espectro solar - vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta - para restaurar o equilíbrio físico e energético do corpo. Na cromoterapia, as cores são classificadas em quentes (luminosas, com vibrações que causam sensações mais físicas e estimulantes - vermelho, laranja e amarelo) e frias (mais escuras, com vibrações mais sutis e calmantes - verde, azul, anil e violeta). A cor violeta é a de vibração mais alta no espectro de luz, com sua frequência atingindo as camadas mais sutis e elevadas do ser (campo astral).

O tratamento com a cromoterapia acontece em uma sala individual, perto do salão principal. Para sua realização, deita-se em uma maca que possui sete cristais, onde cada um emana uma cor diferente. Posicionam-se os cristais em na altura dos chakras e recebe-se a incidência das luzes coloridas por cerca de 25 minutos. Na sala, soa uma música tranquila e relaxante durante o tempo em que ocorre a seção.

Para Rosa, o espaço da Colônia Dom Inácio em si, bem como todas as terapias que são lá oferecidas, auxiliam na incorporação da confiança e coragem necessárias para acreditar na saúde e no amor, a partir de mudanças de atitudes e num processo de limpeza onde deixa-se de focar nas dores e dificuldades, passando-se a colocar a atenção nos aspectos amorosos que a vida manifesta.

> Não tem uma receita pronta de como fazer isso, cada um vai encontrar o seu caminho, mas é preciso que a gente viva a integridade, a amorosidade e a luz no dia a dia. Isso é um trabalho de limpeza e de reconexão com o bem, com divino. Nós podemos viver em um mundo diferente, de amor, de paz, de sabedoria, de luz, de prosperidade e abundância, de harmonia e equilíbrio. [Rosa]

Figura 2 - Placa na área de Contemplação da Colônia - Irati, 2019. Foto: Mariana Nunes Candido.

4.3 OFÍCIOS TRADICIONAIS, SEUS SABERES E PRÁTICAS:

A medicina popular pode ser considerada uma forma alternativa à medicina erudita, que produz saúde e busca soluções às questões trazidas por quem procura por esses tipos de práticas. Elas abarcam um conjunto de técnicas, trabalhos e ferramentas de cura que partem da cultura popular, como conhecimentos que se criam e se recriam constantemente (RIZZO, 1983). As portadoras de ofícios tradicionais desenvolveram, ao longo da história, um acúmulo de conhecimentos tradicionais como banhos, escalda-pés, vaporizações, benzimentos, orações, simpatias, defumações, garrafadas, pomadas, xaropes, tinturas, emplastros conhecimento e uso da biodiversidade com fins medicinais, dentre diversos outros.

A saúde até a década de 1970, especialmente nas áreas rurais, era tratada basicamente com medicamentos extraídos das florestas e dos quintais medicinais, além de contar com os conhecimentos e práticas tradicionais de cura

presentes principalmente nas Benzedeiras, Costureiras de Rendidura, Massagistas Tradicionais, Remedieiras e Parteiras (MEIRA, 2017).

De acordo com Oliveira (1983), a medicina popular veicula sistemas de classificação de doenças e de fenômenos orgânicos e produz estratégias de cura, pautados por uma prevenção, um diagnóstico e um enfrentamento, que são muito específicos. Todo esse conjunto de saberes faz parte da compreensão que seus sujeitos têm da vida, do mundo, das necessidades, dos valores e das relações sociais que são permanentemente recriadas e reinventadas.

Os tratamentos realizados através da medicina popular, além de apresentarem uma alternativa às práticas biomédicas hegemônicas, costumam ser mais solidários, acessíveis e democráticos, já que não funcionam dentro dos moldes mercadológicos e levam em conta os aspectos sagrados da vida. Apesar disso, ao longo do tempo as práticas de saúde popular sofreram um lento processo de marginalização, especialmente por conta da organização de corporações médicas e a busca pelo monopólio das práticas de cura (PIMENTAS, 2003).

4.3.1 O MOVIMENTO APRENDIZES DA SABEDORIA – MASA

Na região centro sul do Paraná, o Movimento Aprendizes da Sabedoria (MASA), teve seu surgimento ligado à Articulação dos Povos Faxinalenses [2](APF). De acordo com Andrade (2019), as primeiras reuniões e discussões de organizações do que hoje seria o MASA, tiveram influência de uma movimentação para a produção de alimentos agroecológicos na década de 90, fortalecida pela criação da Associação dos Grupos de Agricultores Ecologistas do Turvo (AGAECO) em 2001 e do trabalho do Instituto Equipe de Educadores Populares (IEEP) em Irati, que teve papel fundamental na organização e assessoria de grupos de agricultores na conversão agroecológica.

[2] De acordo com Menim (2011), os faxinalenses são povos tradicionais de formação social que têm a característica do uso coletivo de recursos hídricos e florestais disponíveis em seus territórios, e em muitos casos os animais, mesmo sendo de propriedade privada, são criados à solta em espaços comuns. O Faxinal é um sistema camponês tradicional de produção animal e agrícola encontrado especialmente no Paraná.

Nesse momento, a organização desses grupos visava a economia doméstica, a retomada das plantas medicinais para que as mulheres pudessem produzir remédios para suas famílias e disponibilizá-los para a comunidade, coletar as sementes e mudas e buscar uma assessoria para o intercâmbio entre as comunidades. Em 2005 a organização AGAECO incorpora também nas discussões os sistemas faxinais e que resulta mais tarde na formação da Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses (ALMEIDA, 2013).

A APF surgiu como um movimento social com a proposta de valorização cultural e social juntamente com o direito de existir dos faxinalenses, bem como a luta pela terra e por um modelo sustentável de produção adaptado ao seu modo de vida (MENIM, 2011). Dentro de sua estratégia, o movimento articula os detentores de práticas tradicionais de cura para a valorização e perpetuação desses conhecimentos. As atividades de catalogação da disponibilidade e uso das plantas medicinais em comunidades faxinalenses revelaram sua ligação com as atividades dos portadores de ofícios tradicionais.

Nesse contexto, surgiu a Associação Aprendizes da Sabedoria (ASA).

> A Associação Aprendizes da Sabedoria de Medicinais e Agroecologia (ASA) e a Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses (APF) sabem do imenso valor dessas pessoas para as comunidades de Faxinais. Pois muitos de nós nascemos de parteira, vamos a uma benzedeira ou a uma costureira para tirar a nossa dor, por isso a Associação Aprendiz da Sabedoria combate toda discriminação e preconceito contra esses conhecimentos. Lutando para o reconhecimento junto aos órgãos públicos da função social dessas práticas e de seus agentes. (ASA, 2008).

No I Encontro das Benzedeiras do Centro-Sul do Paraná, realizado em 2008, a ASA assumiu uma nova forma de organização, identificando-se como Movimento Aprendizes da Sabedoria:

> Mediante a invisibilidade social, o preconceito e marginalização dos ofícios tradicionais de cura detidos por centenas de Benzedeiras, Benzedores, Curadeiras, Curadores, Rezadeiras, Remedieiros, Costureiras e Costureiros de Rendidura e Parteiras, inicialmente um grupo formado por Benzedeiras e Benzedores dos municípios de Irati, Rebouças e São João do Triunfo em 2008, dispostos a lutar contra as diversas formas de repressão às práticas tradicionais de cura e do livre acesso ao uso sustentável de ervas e plantas medicinais é proposto o I Encontro das Benzedeiras do Centro-Sul do Paraná realizado em setembro de 2008, na cidade de Irati, momento que foi formado o MASA - Movimento Aprendizes da Sabedoria,

> espaço de organização dos Detentores de Ofícios Tradicionais de Cura, objetivando a Luta contra o descaso dos órgãos governamentais e demais instituições da sociedade, que historicamente excluíram as práticas tradicionais de cura, colocando em risco o repasse dos conhecimentos e saberes tradicionais as gerações futuras, ocasionando a perca da cultura tradicional e uso sustentável dos recursos naturais, conhecimentos estes, detidos pelas Benzedeiras. (MASA, 2008)

Uma das atividades realizadas pelo MASA foi a identificação das benzedeiras nos municípios através do mapeamento social dos ofícios tradicionais, que aconteceram vinculados ao Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil[3], nas cidades de Rebouças, São João do Triunfo e Irati entre os anos de 2009 e 2016. Foram mapeados 133 detentores no município de Rebouças e 161 em São João do Triunfo e 184 em Irati. (ANDRADE, 2019) Segundo a autora, através dos mapeamentos, encontros municipais e regionais, o movimento denuncia o avanço do monocultivo de soja, pinus e eucalipto que causam destruição das florestas nativas e aguadas, locais que historicamente são usados para retirada de plantas medicinais usadas para o tratamento de saúde das comunidades e bairros. Além disso, criticam a privatização dos recursos naturais por parte de fazendeiros, empresas florestais e unidades de conservação que impedem a livre circulação dos detentores dos ofícios tradicionais para a coleta de ervas medicinais nativas.

Para o entendimento de como essas estratégias são construídas é importante lembrar que o movimento é formado por múltiplas identidades, tratando-se de sujeitos diversos e plurais, com territorialidades distintas em cada município. O movimento tem um protagonismo feminino de Benzedeiras, mas

---

[3] O Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA) tem como objetivo dar ensejo à auto cartografia dos povos e comunidades tradicionais. Com o material produzido, tem-se um maior conhecimento sobre o processo de ocupação e um novo instrumento para o fortalecimento dos movimentos sociais que nela existem. Tais movimentos sociais consistem em manifestações de identidades coletivas, referidas a situações sociais peculiares e territorializadas. A força deste processo de territorialização diferenciada constitui o objeto do projeto. A cartografia social, como já vimos anteriormente teve papel fundamental na articulação do movimento e vem sendo utilizada como ferramenta de auto reconhecimento. Seu principal foco é o fortalecimento político de movimentos sociais, grupos e comunidades, e auxilia no processo de organização e reconhecimento de conflitos e práticas culturais comuns e no estabelecimento de reinvindicações compartilhadas. A cartografia se mostra como um elemento de combate. A sua produção é um dos momentos possíveis para a autoafirmação social. É nesse sentido que o PNCSA busca materializar a manifestação da autocartografia dos povos e comunidades nos fascículos que publica, que não só pretendem fortalecer os movimentos, mas o fazem mediante a transparência de suas expressões culturais diversas (PNCSA, 2017 apud ANDRADE, 2019).

também é formado por homens benzedores, curandeiros, e demais detentores dos saberes tradicionais de cura, sendo que 90% dos integrantes pertencem a uma faixa etária superior a 50 anos. E, assim como nas demais regiões do país, essa mistura entre afrodescendentes, caboclos, índios e descentes de imigrantes formam o que conhecemos hoje na região por benzeção (LEWITZKI, 2011; VAZ, 2006).

As articulações e movimentos realizados pelo MASA resultaram na aprovação de Lei Estadual[4], que declara como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Paraná os saberes, conhecimentos e práticas tradicionais de saúde dos ofícios tradicionais de saúde popular e cura religiosa; da Lei Municipal de Rebouças [5] e a Lei Municipal de São João do Triunfo[6], em que ambas dispõe sobre o processo de reconhecimento dos ofícios tradicionais de saúde popular e regulamenta o livre acesso à coleta de plantas medicinais nativas nestes municípios, e a Lei Municipal de Irati[7], que dispõe sobre a Política Municipal de Educação Popular em Saúde, valorizando os saberes populares, a ancestralidade, o incentivo à produção individual e coletiva de conhecimentos e sua inserção no Sistema Municipal de Saúde. A aprovação das leis também prevê a emissão de Carteira de Reconhecimento dos Detentores de Ofícios Tradicionais de Saúde Popular e o Certificado de Detentor de Ofício Tradicional de Saúde Popular através das secretarias municipais de saúde que devem emitir a carteirinha e o certificado após a solicitação formal do MASA.

Na prática, para conseguir a Carteira e o Certificado de Reconhecimento dos Ofícios Tradicionais de Saúde Popular a benzedeira precisa participar do Movimento de alguma maneira, seja assumindo alguma atribuição ou frequentando reuniões, oficinas e encontros, pois somente no espaço do MASA ela terá acesso ao modelo dos documentos a serem elaborados e o contato com a benzedeira responsável pelo diálogo entre Movimento e Secretaria de Saúde. Neste sentido, a carteirinha não é um direito acessível a qualquer benzedeira, ela precisa estar vinculada ao Movimento ou participar da estrutura do mesmo, visto que é a única organização de benzedeiras na região, esse fator exige um

[4] Lei Nº 19689/2018
[5] Lei nº 1401/2010
[6] Lei nº 1370/2011
[7] Lei nº4543/2018

deslocamento acerca dos processos de pertencimento e estabelecimento de identidades coletivas que são movidos e negociados na medida em que as situações emergem (LEWITZKI, 2019). Dessa forma, a carteirinha é muito valorizada pelas benzedeiras que depositam nesse instrumento a confiança da proteção do Estado e a liberdade de reproduzirem suas práticas que historicamente aconteceram informalmente e por diversas vezes marginalizadas.

A cultura popular é muito diversa e difícil de se conceituar, se ela é algo que vem do povo, ninguém sabe defini-la muito bem. De acordo com Abreu e Soihet (2003), o conceito de cultura popular foi utilizado com objetivos e em contextos muito variados, quase sempre envolvidos com juízos de valor, idealizações, homogeneizações e disputas teóricas e políticas. Esta cultura pode ser vista como uma perspectiva, no sentido de ser mais um ponto de vista para se observar a sociedade e sua produção cultural, como um instrumento que serve de auxílio, e não de resolução, no sentido de trazer questionamentos, evidenciar diferenças e ajudar a pensar a realidade social e cultural que é sempre diversa e multifacetada.

Figura 3 - Logo do MASA - Movimento Aprendizes da Sabedoria. Fonte: MASA, 2008.

4.3.2 CULTURA POPULAR: ROMARIA DE SÃO GONÇALO

Uma cultura advinda da prática religiosa tradicional entre as benzedeiras do MASA se relaciona à Romaria de São Gonçalo, considerado por elas um santo casamenteiro, protetor dos violeiros e dos trovadores. As Romarias são

feitas como forma de contrapartida a uma graça recebida, geralmente para o reestabelecimento da saúde do corpo e do espírito (MEIRA, 2017).

Pude participar de duas Romarias: uma encomendada por uma das benzedeiras do MASA em sua casa, no Faxinal do Marmeleiro e outra realizada em 10 de janeiro, dia de São Gonçalo de Amarante, encomendada pela irmã de uma benzedeira, que aconteceu na Casa de Reza do MASA. Tradicionalmente a celebração da Romaria conta com a presença de um Capelão, mas em ambas as que presenciei, eram as mulheres Rezadeiras quem cantavam as canções e o Violeiro com sua melodia ditava o ritmo da "varseada"[8] a cada "vorteada"[9]que acontecia.

As Rezadeiras, que no caso presente são também benzedeiras, possuem conhecimento e repertório religioso que as permite organizar as festas, rezar, cantar, pedir e agradecer aos santos, fortalecendo seu papel enquanto promotoras dessa classe de devoção. As fitas colocadas nos Santos sinalizam o cumprimento de promessas feitas pelos devotos, alcançadas por intermédio dos seus milagres. As Romarias promovem o encontro da comunidade para a celebração do Sagrado e permite que novas promessas sejam feitas e que as antigas sejam pagas.

Os Romeiros formam uma fila em que podem valsear até nova pares, e dançam-se três, cinco ou nove volteadas. A Romaria se inicia com as Rezadeiras de frente para o altar, com velas acesas e imagens de São Gonçalo e Nossa Senhora Aparecida, cantando as primeiras estrofes da canção e em seguida o Violeiro começa a tocar. Todos os pares dançam e beijam os santos, quando terminam voltam para o fim da fila, dançando e sem dar as costas para o altar. Quando o último par realiza o mesmo percurso, o violeiro para de tocar e entram em cena outra vez as Rezadeiras, cantando a próxima estrofe e seguindo com o mesmo processo até o fim da Romaria. Na Romaria no Faxinal do Marmeleiro foram realizadas cinco "vorteadas" que fizeram com que o evento reunisse muitas pessoas da comunidade durasse a tarde toda. Já na Romaria da Casa de Reza, foram "varseadas" e nove "vorteadas", o que fez com que os cantos, a

[8] Valsear é o ato de dançar no ritmo ditado pelo Violeiro.

[9] A volteada se refere aos ciclos da fila em que estão os Romeiros. Cada vez que o último par da fila se coloca outra vez em frente ao altar, conta-se uma "vorteada".

música e a dança que tiverem início às 19h perdurassem por toda a noite, sendo finalizada apenas no outro dia as 06h, com pequenas pausas para que as Rezadeiras, o Violeiro e os Romeiros pudessem descansar um pouco e também se alimentar. Para afastar o cansaço e o sono, o chimarrão foi um elemento presente durante toda a noite.

Figura 4 - Altar para a Romaria de São Gonçalo - Faxinal do Marmeleiro - Novembro de 2019.
Foto: Mariana Nunes Candido

4.3.3 MASSAGEM TRADICIONAL E BENZIMENTO COM CERA

Hibisco é nascida em Irati e integrante do MASA, atende as pessoas que a procuram em sua própria casa. Ela relata que sua bisavó, que era conhecida por promover curas, disse que nem sua mãe nem sua vó sabiam o ofício e que queria que ela o aprendesse para que também se tornasse uma benzedeira. Aos 5 anos começou a receber os conhecimentos de sua bisavó e aprendeu a cortar íngua, fazer benzimento de cobreiro, de bugreiro, benzimento das bichas. Foi com ela que aprendeu também o ofício de derramar cera, que só começou a exercer, de fato, aos 13 anos, depois da morte da bisavó. Esses conhecimentos se somaram aos de seu avô, que fazia massagens de quebradura, machucadura e massagem nos nervos.

Hibisco é devota de São Francisco de Assis, que segundo ela é protetor dos pobres e dos animais, relatando que sua caminhada de trabalho com a cura foi possível através de sua intervenção. Hibisco narra um sonho no qual em meio a um campo de flores de rosas e cravos, estava São Francisco de Assis sentado em uma pedra e vestindo uma batina que se arrastava até o chão. No sonho, São Francisco de Assis a perguntou qual era sua pretensão na vida e ela o respondeu dizendo que gostaria de trabalhar com ele, que aceitou seu pedido, mas a avisou que ela deveria estar ciente de que então trabalharia pelos pobres. Após o sonho narrado, Hibisco conta que os Padres Capuchinho que frequentavam a casa de sua família foram convidá-la para trabalhar junto a eles. Foi através de sua convivência com os Padres que Hibisco realizou duas viagens internacionais, uma delas à Itália e a outra ao continente Africano.

Trazendo diversos elementos do catolicismo, em seu altar, junto à imagem de uma série de Santos, Hibisco mantém um porta-retrato com a fotografia do momento em que recebe a bênção do Papa João Paulo II. Segundo conta, nessa viagem ela também teve a oportunidade de aprender a realizar outras técnicas de massagem para complementar os conhecimentos e práticas que havia herdado de seu avô.

Apesar de sofrer com algumas questões físicas, como por exemplo sua baixa visão, ou as sequelas causadas por acidentes que acarretaram em perda de parte de sua audição e também no enrijecimento de alguns nervos, Hibisco afirma que continua realizando seus trabalhos por reconhece-los como um presente divino que ajuda a muitas pessoas, o que não a permite parar.

A varanda da casa onde mora é utilizada como sala de espera para o atendimento que acontece dentro da residência que dificilmente está vazia. Hibisco já chegou a atender mais de 80 pessoas em um único dia, dentre elas pessoas que vem das cidades do entorno, inclusive de Curitiba, buscando seu atendimento, principalmente as massagens para machucadura e o derramamento de cera.

> Pra machucadura eu faço a massagem nos nervos da pessoa. E se tiver um osso que tá fora do lugar ele praticamente vai colocar no lugar. Se tiver, como diz, a parte da trincadura também, a gente faz o remédio que melhora. E a cera no caso é assim, a gente derrama praticamente pra susto, alguns

> probleminhas sai, problema do diabetes aparece na cera, ou problema de infecção na bexiga, nas outras partes, isso ai aparece na cera. [Hibisco]

Ela conta que antes de unir-se ao MASA já lidava com algumas ervas, mas que a inserção no movimento aumentou seus conhecimentos sobre as a diversidade e uso das plantas medicinais, o feitio de pomadas, xaropes e de florais, incorporando novos fazeres e assumindo novos ofícios em seu cotidiano.

O ofício de Hibisco não é exercido como atividade econômica, e assim como ela não cobra por seus cuidados, também não se recusa a receber presentes e doações como agradecimento aos seus atendimentos. Com frequência Hibisco recebe presentes como alimentos, mudas e sementes de plantas medicinais, roupas, calçados, utensílios domésticos, artigos religiosos e contribuições em dinheiro como forma de agradecimento pelos trabalhos realizados.

De acordo com Lewitski (2019), a economia do benzimento, além de complexa é potente, nela se encontram e se entrecruzam linhas de vida que exprimem relações de amizade, solidariedade, parentesco e compadrio que se colocam na contramão do mercado capitalista. Segundo a autora, o caminho das benzedeiras oposto ao caminho das relações comerciais, é possível pelo coletivo em detrimento ao individual, já que sua ação é coletiva e em prol do bem comum, pois nenhuma pessoa é excluída da rede da benzedeira; pelo contrário, em sua casa são acolhidas pessoas pertencentes a diferentes religiões, classes econômicas, lugares e idades.

Para fazer o derramamento de cera, conta com uma cadeira que fica em frente ao seu altar, o fogão que derrete a cera e um recipiente com água onde ela é derramada. Quando a cera está derretida, ela é derramada por Hibisco no recipiente com água, e a pessoa que está se consultando diz seu nome, toma 3 colheradas da água na qual a cera foi derramada e toca a cera com ambas as mãos. É a partir das formas que a cera toma depois de derramada que Hibisco as interpreta para então fazer apontamentos sobre a saúde.

Para Hibisco os sentimentos que cultivamos influenciam o nosso dia a dia, inclusive nas atividades que realizamos. Para ela, os sentimentos também são

transmitidos através da fala de outras pessoas, e mesmo quando não há a real intenção, podem fazer com que quem as escute esmoreça, sinalizando assim o poder que as palavras têm. Da mesma forma, o poder das palavras também se faz presente nas orações, que de acordo com Hibisco, são conversas diretas com o Divino, mais fáceis de serem entendidas e mais rápidas para serem atendidas.

> A oração é poderosa porque Deus está sempre presente, e se pedimos força e proteção parece que tudo cresce, tudo vem mais rápido. Tudo o que você colocar atenção e vontade vai crescer. Sempre temos que agradecer pelo que passou, pelo que foi aprendido, mas quando for preciso também temos que pedir mais força. Na hora que levantar, colocar um pé na frente e dizer "Maria passa na frente", pra ela proteger de todos os problemas, são coisas que são simples, mas aproximam a gente de Deus. [Hibisco]

As plantas são mais um elemento, que de acordo com Hibisco, nos aproxima de Deus, ajudando na cura do corpo físico a partir de suas propriedades medicinais, mas elevando e curando nosso espírito através de sua beleza, formas, cores e aromas, nos revitalizando a partir da energia que transmitem e colaborando para o reestabelecimento da saúde. Ela relata que cuida das pessoas com muito amor e carinho, como se fossem parte dela mesma. Por conta dessa postura, comenta ser comum escutar dessas pessoas que, quando estão recebendo seus cuidados, se sentem em paz e que quando vão embora saem um pouco mais felizes. Enquanto falava sobre saúde, ressaltou aspectos relacionados ao bem-estar e aos sentimentos e emoções cultivados pelas pessoas:

> A saúde é quando a pessoa vai melhorando, quando a pessoa tá feliz. Quando ela tá doente ela fica encorujada, como diz, não quer saber de nada, não quer saber de conversa. Tem certas horas que a gente vê a depressão na pessoa, mas a gente tenta ajudar ela pra ela sair dela, e hoje têm muito caso assim. Tem pessoas que elas geralmente não saem do quarto, depois quando chegam aqui, a gente começa a conversar, faz oração através do papa, então as pessoas se sentem melhor, as vezes até começam a mudar o estilo de vida. [Hibisco]

Figura 5 - Cera derramada por Hibisco, Irati, 2019. Foto: Mariana Nunes Candido.

Os saberes de Hibisco, combinados com sua postura amorosa e solidária para com o próximo, estabelecem vínculos com as pessoas que a procuram buscando a cura de diversos males. Seus cuidados se materializam através das massagens, derramamentos de cera e orações feitas por ela, sendo que essa classe de cuidados contribui diretamente com a melhoria da saúde de diversos idosos, adultos e crianças.

4.3.4 ÁGUAS SAGRADAS: OS OLHOS D'ÁGUA DO MONGE SÃO JOÃO MARIA

Anis é benzedeira e faxinalense, nascida no Rio Bonito, no município de Rebouças. Os conhecimentos tradicionais que carrega foram passados de geração a geração. Seu avô os transmitiu para seu pai, que a ensinou a cortar cobreiro, bugreiro, benzer crianças e benzer dentes. Anis é também uma das principais articuladoras do MASA e defensora da cultura antiga, que de acordo com ela:

> É muita coisa, entram as plantas, conhecimento das ervas, das hortas, do mato, da casca e da raiz. Também têm as oração, as simpatia e as fontes de água do Monge. Também vem as fogueiras, mesadas de anjo, a Romaria de São Gonçalo, os

> ternos, tudo isso era a cultura antiga. Dentre outras coisas que acabou, tem coisa que hoje ainda se mantém, mas a gente luta bastante para que ela não acabe. Porque se você não lutar também, num abrir e fechar de olhos já acaba, porque o que acabou, foi assim. [Anis]

Anis conta algumas histórias que retratam um pouco da realidade dos faxinais na época de sua juventude. Essas histórias e personagens são os pilares da cultura antiga dessa região, como as quebranças de erva mate que eram feitas pela comunidade e os chamados “puxirões de carpido”, que aconteciam para o preparo das roças antes do plantio. De acordo com seu relato, essas formas pelas quais eram realizados os trabalhos necessários para a manutenção e sustento das famílias, demonstravam a união e a convivência mais harmônica entre a comunidade e a Natureza:

> Chegava naquelas roças e daí fazia as turmas, mas tudo com a enxada boa. Aí ficava três ou quatro mulheres cozinhando a comida, o almoço, e daí eles repartiam: ponhavam os homens numa ponta e as mulheres na outra ponta, mas pense à distância! E aí era os homens carpindo de um lado e as mulheres do outro. E aí, as mulheres começavam cantado:
>
> “ E foi o corteiro pra lá” - e os homens na outra ponta:
>
> “Os dois corteiros vão se encontrar”
>
> E dale carpir, carpir e carpir
>
> De repente, os homens faziam um terno bradado:
>
> “E foi o corteiro pra lá” - e as mulher tudo junto, cantando: “os dois corteiro vão se encontrar”
>
> E de tarde se encontravam mesmo. Tirava um alqueire, dois alqueires de carpido. Mas aí isso daí acabou, veio veneno e pronto. Não tem mais. [Anis]

Além dos conhecimentos tradicionais, Anis recebeu de herança de seus antepassados a fé e motivação para defender tanto a cultura antiga, quanto as fontes de água do Monge São João Maria. Ela conta que os antigos acreditavam muito no poder curativo das águas do Monge, tomando dessa água para proteger de doenças na garganta, do estômago, lavando o rosto para proteger de doenças nos olhos, molhando a cabeça, pernas e pés para o alívio de dores e também utilizando o barro ao redor da fonte como remédio para curar feridas.

Desde a perspectiva mágico-religiosa, os olhos d’água do Monge João Maria, vertente de São João Maria, pocinho do monge, oio d’água, oinho do

monge, entre outros nomes, são lugares sagrados atribuídos à passagem de João Maria e estão presentes em vários lugares na região sul do Brasil. A devoção popular aquele conhecido como monge, profeta e santo católico não canonizado é uma das mais representativas e criativas no sul do país. (KASBURG, 2014)

O Monge São Maria é retratado como um profeta que caminhava pelas comunidades, dialogava com as pessoas, benzia, batizava, ensinava o uso das plantas e da mata como remédio e profetizava mudanças futuras, principalmente relacionadas à natureza e as relações humanas. Anis relata que seu avô, vindo de uma família de 12 irmãos proseou com o Monge São João Maria e reunia a família toda para repassar suas profecias:

> Ele dizia que ia chegar o tempo em que iria acabar o respeito, que ia acabar a tal da bênção, ninguém mais ia pedir bênção pros mais velhos. Falava também que a violência ia ser grande, que os pais matariam os filhos e os filhos matariam os pais; falou que chegaria o tempo em que ia dar uma doençarada no povo, que ia morrer muita gente, tanto velho quanto novo, que não adiantava ir no médico porque ia morrer do mesmo jeito, porque o remédio ia estar no mato. Contava que a água ia diminuir, pra cuidar das fontes de água do Monge porque elas não iam secar, que o sol ia baixar e que cada ano ia ser mais quente; avisou que teria muita briga na política, do povo brigando com o povo e só ia prevalecer o dinheiro. Ele chegou até a falar de miséria, falava pra guardar o feijão nos litros pras crianças poderem conhecer, que era capaz de ter miséria e o povo passar fome. Olha, sinceramente foi pouca coisa que eu não vi até agora, ele chegou até a dizer que o mundo não ia se acabar, mas que o povo ia se destruir sozinho. [Anis]

As águas do Monge detêm valor cultural para a comunidade da região, os lugares por onde andou e dormiu, bem como suas águas, são consideradas abençoadas, santas e milagrosas. A partir da sua devoção, esses espaços se transformam palco para visitas, pagamento de promessas, cultos, batizados, festas e procissões. Além do caráter fundamental de manutenção da vida que a água enquanto elemento carrega, as benzedeiras fazem uso das águas do Monge para potencializar seus benzimentos e o poder curativo dos remédios que preparam.

Dos olhos d’água do Monge são João Maria emergem temas relacionados à cultura, natureza e conflitos socioambientais da região. A restrição de acesso e a destruição física das nascentes, são temas que pautam algumas das lutas

de Anis. Essas lutas não se dão de forma individual, de acordo com Anis, as batalhas travadas coletivamente entre Movimentos Sociais como o MASA e a Rede Puxirão dos Povos Faxinalenses resultaram em avanços como por exemplo aprovação de leis, recuperação de olhos d'água e manutenção da cultura antiga. Sobre essas articulações e parcerias, comenta:

> A gente sozinha não faz nada, já conseguimos bastante coisa dentro desse movimento. Pois se eu queria que amanhã tivesse alguma coisa da cultura antiga, eu tinha que estar dentro de uma rede né, para que a gente junto pudesse salvar alguma coisa do que ainda tinha. Além disso, a gente troca experiência, troca conhecimento. Nós somos movimento, estamos movimentando e quanto mais a gente faz isso, mais vai ao encontro de outros movimentos que estão na luta também. [Anis]

Figura 6 - Oratório do Olho D'água de São João Maria. Rebouças, 2019. Foto: Mariana Nunes Candido.

As falas de Anis retratam o protagonismo que assumem os movimentos sociais e os Povos e Comunidades Tradicionais da região na luta em defesa de seus territórios, assim como as teias de solidariedade que se formam para a manutenção de seus modos de vida, principalmente no que diz respeito à sua cultura e relação com a terra e com a água.

4.3.5 REMEDIEIRA, BENZEDEIRA E COSTUREIRA : A DIVERSIDADE DE SABERES TRADICIONAIS

Gerânio é uma benzedeira que tem como principal ofício o preparo de remédios, sendo reconhecida em sua comunidade e pelo MASA por seu vasto conhecimento sobre plantas medicinais. Além da profunda intimidade com as plantas, Gerânio corta ar, verruga e costura rendiduras e machucaduras.

Segundo Gerânio, o *ar* pode proceder de vários elementos, ciclos e efeitos da natureza sobre a pessoa, principalmente a partir da réstia de luz que pode vir do mar, da água, do sol, da lua, das estrelas, da noite e do dia, que ao se refletir na pessoa pode *areja-la*, causando dores e desconfortos e até mesmo agravar problemas de saúde que a pessoa já possua. É através de simpatias que Gerânio corta o ar e rompe os efeitos causados por ele.

Outra prática tradicional de Gerânio é o da costura de Rendidura e Machucadura, que consiste numa simpatia para curar dores no corpo e nos músculos. Na realização dessa prática, Gerânio costura um pedacinho de pano que simboliza a parte do corpo da pessoa que está machucada. Durante o processo de cosimento, quem costura pergunta três vezes para quem está sendo cuidado: “O que é que eu coso?” E a pessoa machucada responde: “nervos torcidos, carne rasgada, ossos quebrados”. Geralmente a costura é feita por três dias seguidos, podendo ser realizada a distância caso a pessoa não possa se encontrar com a benzedeira.

No altar de Gerânio, junto com seus santos de devoção e com papeis que contém nomes de pessoas que a buscam pedindo orações, ficam pendurados pedacinhos de panos cosidos para que as dores causadas por rendiduras e machucaduras possam ser curadas através dessa prática que a benzedeira realiza.

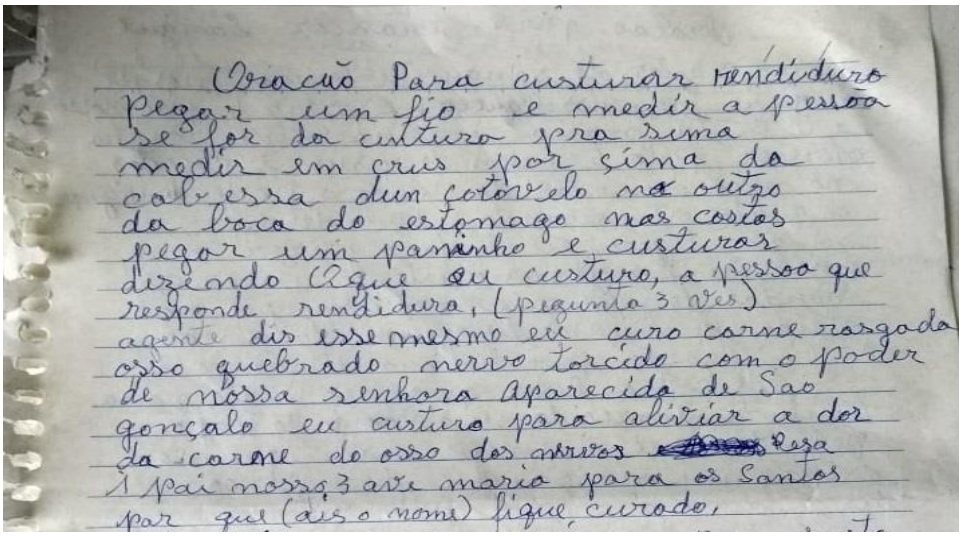
Oração Para costurar rendidura
pegar um fio e medir a pessoa
se for da cintura pra sima
medir em cruz por sima da
cabeça dun cotovelo no outro
da boca do estomago nas costas
pegar um paninho e costurar
dizendo Aque eu costuro, a pessoa que
responde rendidura, (pergunta 3 vez)
agente dis esse mesmo eu curo carne rasgada
osso quebrado nervo torcido com o poder
de nossa senhora Aparecida de Sao
gonçalo eu costuro para aliviar a dor
da carne do osso dos nervos Reza
1 pai nosso 3 ave maria para os Santos
par que (dis o nome) fique curado,

Figura 7 - Registro da Oração de Gerânio para Costurar Rendidura e Machucadura. Foto: Mariana Nunes Candido.

Para Gerânio, os benzimentos afastam coisas espirituais e os remédios curam as doenças. Assim como outras benzedeiras, também detêm seus santos de devoção, a quem recorre conforme o pedido ou a enfermidade a ser curada. Ela cita como exemplos Santa Luzia como protetora das vistas, Nossa senhora das Almas para tranquilizar as crianças quando estão inquietas, Nossa Senhora do Desterro para pedir por emprego e afastar qualquer mal, Jesus Crucificado para estancar sangue, Nossa Senhora Aparecida para ajudar a fazer as curas e abrir os caminhos e Nossa Senhora dos Remédios para trazer paz e acalmar os sofrimentos.

> Como dizem: “batam e as portas abrirão, procurem e acharão.” Na minha casa, se bater na minha porta eu levanto e vou atender. Não importa a hora, Deus não deixou marcado nem hora, nem dia. Em casa tem gente direto. Vou lá no quintal tirar remédio, atendo e ajudo com tudo o que precisa. Não se pode desprezar aqueles mais pobrezinhos, que são os que mais precisam. Os mais humildes a gente precisa fazer com ainda mais carinho. [Gerânio]

A casa de Gerânio é bastante movimentada, já que ela é procurada por pessoas que vêm do entorno próximo, bem como de outras localidades para realizar seus ofícios. Na sala de sua casa ficam disponíveis algumas cadeiras para que as pessoas possam se acomodar enquanto aguardam pelo seu atendimento. Ela se considera uma católica praticante, e comentando sobre as pessoas que dizem curar as outras e realizar milagres, afirma que não engana ninguém, que as curas que realiza não são feitas por ela e sim pelo atendimento

de seus pedidos feitos com muita fé para seus santos de devoção, como relata a seguir:

> Pra fazer os benzimentos é rezar um pai nosso, uma ave maria e pedir que essa pessoa fique sã e curada. Pra se preparar tem que rezar bem cedo o credo, essa é a preparação pro dia, rezou o creio em deus pai já está livre, porque é uma oração bem forte. Daí quando você vai benzer uma pessoa, põe ali ela sentada e pede proteção de Nossa Senhora, evitando que todo o mal que tiver nela, assim como o sol trouxe que o sol leve, pras ondas do mar aonde não faça mal a ninguém, nas ondas do mar sem fim, aonde não há vinho, nem pão, nem rastro de cristão. [Gerânio]

Gerânio é neta e filha de benzedores, sendo que seu pai também era enfermeiro e trabalhava como homeopata. Foi através deles que desde criança aprendeu a identificar, cultivar, coletar, usar e preparar os remédios com as plantas, sendo que os encontros, cursos e oficinas realizadas junto ao MASA colaboraram para que pudesse ampliar ainda mais seus conhecimentos. Em suas saídas, Gerânio carrega consigo livros e cadernos que contém explicações sobre procedimentos de cura, uso das plantas medicinais, receitas de remédios e diversas simpatias.

> Nos encontros a gente troca experiência, cada pessoa conta o seu remédio pra que usa, então, “eu sei tal remédio pra tal e tal coisa” ou “eu benzo assim”, o outro, “eu faço a cura de tal jeito”, e assim vão explicando, né? Agente anota no caderno, faz pergunta pra não ficar com dúvida. [Gerânio]

Ela associa seu quintal à uma farmácia natural, já que além do cultivo de alimentos sem veneno, possui mais de 60 variedades de plantas medicinais. Através de suas mãos, essas plantas se transformam em pomadas, xaropes, olinas e garrafadas que viabilizam o acesso e uso das plantas medicinais à população. Além de compartilhar seus conhecimentos a partir das oficinas que encabeça, Gerânio também disponibiliza mudas e sementes de toda a diversidade de espécies que podem ser encontradas em seu quintal, facilitando dessa forma a multiplicação dessas plantas e aumentando a autonomia das pessoas, que recebendo suas orientações podem seguir os tratamentos naturais cultivando essas plantas nos quintais de suas próprias casas.

Figura 8 - Plantas trazidas do quintal de Gerânio para uma oficina de uso de plantas medicinais ministrada por ela. Irati, 2019. Foto: Mariana Nunes Candido.

Gerânio associa sua boa saúde à sua alimentação, que privilegia produtos orgânicos, e aos bons desejos que recebe das pessoas que ela ajuda. Para ela, algumas doenças têm causas psicológicas, que se manifestam pela continuidade de certos pensamentos e emoções que as pessoas cultivam, incentivadas a partir dos comportamentos pouco amorosos que são de certa forma incentivados atualmente:

> Nossa, hoje em dia é só violência e só orgulho. Uma pessoa orgulhosa, que vê outra com uma roupa, um calçado “ah eu quero comprar um melhor do que esse, mais bonito”, orgulho é doença pras pessoas, as pessoas ficam doentes. A gente tem que aprender a ser simples, se conformar com aquilo que a gente tem, não ficar orgulhando as coisas dos outros, querendo comprar um mais bonito, melhor, isso é muito ruim. Esse pessoal que quer ser mais que tudo, que não tem amizade com ninguém, que é ruim pros outros, que acha que ninguém presta, só ela que tem coisa boa, coisa bonita, acaba ficando doente. [Gerânio]

Por outro lado, alerta que a intensificação do uso de agrotóxicos também trouxe o aumento das doenças nas pessoas. A derrubada das matas nativas para a implantação de monocultivos, bem como a utilização dos agrotóxicos no tratamento delas, são dois fatores apontados por Gerânio que dificultam o trabalho das benzedeiras que preparam remédios. De acordo com ela, alguns remédios como por exemplo o Pau de Andrade, a Caroba e a Cataia, que são

árvores que se encontram nas matas, estão cada vez mais difíceis de serem localizadas. Da mesma forma, as plantas medicinais que se encontram perto das plantações também não podem ser coletadas pelo contato direto com o veneno. Além disso, destaca que o barro que é usado medicinalmente, assim como as águas estão, da mesma maneira, sendo contaminadas por esse modelo que está dominando as áreas rurais.

4.3.6 BIOENERGIA E AGROECOLOGIA CUIDANDO DA VIDA

Calêndula vive no município de Irati, faz parte do Projeto de Extensão da Feira Agroecológica da UNICENTRO produzindo alimentos e panificados orgânicos e realiza checagens fazendo uso da bioenergia. Em sua perspectiva, a cura a partir da natureza, bem como a prática da bioenergia estão relacionadas à defesa da vida, pauta presente na defesa da agroecologia.

Relata que trabalhava como produtora de fumo de tabaco e que o contato constante com os venenos utilizados nesse processo afetava sua saúde e a saúde de sua família. A partir de um processo de formação e capacitação de educação popular, Calêndula e sua família decidiram dar início ao processo de transição à produção agroecológica, que começou com o melhoramento do solo que já não tinha o mesmo potencial produtivo por conta de todo o veneno químico que havia sido utilizado em outros momentos.

A bioenergia e a agroecologia chegaram concomitantemente à vida de Calêndula, já que a partir da bioenergia era possível checar se havia veneno no solo e nos alimentos. No processo de desintoxicação de sua terra, afirmou que o tempo foi um fator essencial. Segundo Calêndula conforme a quantidade de agrotóxicos utilizados anteriormente, às vezes demora até dez anos para que haja a recuperação do solo. Conta que levou cerca de 5 anos e durante este processo foi necessário o trabalho de recuperação do solo para preparar a terra, fazendo uso de recursos naturais como por exemplo as semeadas com adubos verdes, mexer na terra, incorporar novamente nutrientes, não realizar queimadas e acompanhar sua melhora através de checagens com a bioenergia. A checagem também era feita com as pessoas, indicando ervas, chás, extratos, dentre outros elementos utilizados nos processos de cura dos desequilíbrios que eram apontados.

Calêndula aponta o papel de destaque que os alimentos têm sob a saúde e afirma ser importante o consumo de alimentos que não estejam envenenados para evitar o aparecimento de uma série de enfermidades.

> Comecei a fazer checagem e já não tomava mais todos esses remédios de farmácia, nem precisava tá indo todo dia no médico. Imagina, você tá todo dia se alimentando com os alimentos sem veneno, que já é o remédio, e ainda tomando os chás que aparecem na bioenergia, ai tudo muda, juntando essas duas coisas a saúde é outra. [Calêndula]

A bioenergia surgiu no Brasil no início da década de 1990, quando o missionário franciscano Renato Barros, que hoje mora em Maringá, retornou da Nicarágua. O padre aprendeu sobre a bioenergia com os guerrilheiros sandinistas que, por estarem refugiados e não terem acesso a médicos e hospitais, tiveram que desenvolver outros meios para se tratar, e acabaram adotando a bioenergia (TORINELLI, 2018).

Segundo Calêndula, na avaliação bioenergética o próprio corpo de quem faz as checagens indica quais são suas debilidades e do que precisa para se reequilibrar, de maneira bastante simples. As checagens normalmente são realizadas em dupla, no caso de Calêndula, junto ao seu esposo. Além de fazer as checagens e as receitas, Calêndula prepara algumas tinturas, pomadas e extratos, dentre outros remédios. Quando precisa fazer as checagens sozinha, Calêndula utiliza lâminas que contém todas as partes do corpo e um pêndulo que a auxilia no processo de checagem, respondendo às perguntas que são feitas e fazendo as indicações necessárias. A partir da avaliação bioenergética, o tratamento baseado em dieta alimentar e fitoterápicos é receitado.

> Não sou nem eu, é a minha energia e a tua que estão ali. Vai aparecer o que o teu corpo precisar, você nunca vai tomar pela bioenergia um remédio errado, um chá que vai te fazer mal, por lá só sai o que o seu corpo pedir [Calêndula]

Calêndula comenta que em sua comunidade, a maioria das pessoas que a buscam se mostram cansadas dos tratamentos médicos convencionais por relatarem que muitas vezes não encontram resultado com eles. Ela utiliza a palavra desequilíbrio no lugar da palavra doença, afirmando que todas as doenças provêm de desequilíbrios no corpo. Também associa uma série desses

desequilíbrios a questões emocionais e psicológicas e vincula a saúde ao sentimento de bem-estar consigo mesmo e com a vida.

Parte desses sentimentos aos quais Calêndula se referiu, tem suas bases ancoradas nas dinâmicas de consumo que se estabelecem na sociedade e as mudanças sofridas nas relações entre as pessoas por conta desse modelo. Ela afirma acreditar que embora o dinheiro seja importante para todos, não deveria ser a prioridade, que esse lugar deveria ser ocupado pela vida das pessoas e de todos os outros seres, sugerindo que tanto os cuidados quanto os valores das pessoas mereceriam ser repensados. Ademais, afirma que uma das responsabilidades de quem trabalha com as terapias alternativas é o respeito consigo mesmo e com o outro, já que essas práticas fazem parte de um projeto de vida que se baseia no respeito, no resgate de valores e no cultivo de uma postura solidária.

> Eu sempre penso é nesse mundo do consumismo. Porque eu lembro que quando a gente começou os grupos de agroecologia, a gente fazia mutirão das famílias, aí você conseguia fazer tudo aquilo e hoje já quase não tem mais. Eu acho que o povo tinha que se unir mais e se ajudar mais, um pensar mais no outro e eu vejo que isso é raro. Se tivesse cuidado com tudo, com as pessoas, com a terra, seria melhor pra todos. Porque hoje a gente vê assim que parece que o *ter* e que o *poder,* falam mais alto. [Calêndula]

Para Calêndula, a fé nas plantas é um elemento essencial para os tratamentos realizados pela bioenergia, ressaltando que através da combinação entre a bioenergia, as ervas medicinais e a alimentação é possível conseguir uma energia mais pura e limpa que ajuda a cultivar o sentimento de bem-estar. Além disso, vê a natureza como uma farmácia viva, que tem remédios espalhados por todos os lugares e afirma que pelo contato direto com a terra e com as plantas é possível renovar as energias do corpo.

> Eu acredito muito nas plantas, vejo que elas são maravilhosas, trazem um monte de benefícios, só pelo fato de você estar em contato com elas, elas já curam. A minha energia eu também carrego com as plantas, com a terra, no contato com elas, trabalhando descalça no chão, andando pela mata que tem uma energia muito forte. [Calêndula]

Figura 9 - Calêndula fazendo a checagem da Bioenergia. Irati, 2019. Foto: Mariana Nunes Candido.

Os relatos de Calêndula apontam para uma conexão íntima e profunda com as pessoas e o meio ambiente que a rodeia, partilhada também pelas outras mulheres dessa pesquisa, gerando em cada uma delas um sentido de pertencimento e uma postura ética de respeito e cuidado com a Mãe Natureza e com todos os outros seres viventes.

4.4 A VIDA SEM VENENO COMO ALIADA DA SAÚDE

A região de Irati é composta pelos municípios de Irati, Imbituva, Rebouças, Guamiranga, Inácio Martins, Fernandes Pinheiro, Teixeira Soares, Mallet e Rio Azul. Nessa região, a pecuária, fumicultura e agricultura com a produção de grãos, tubérculos e outras hortaliças, são bases da economia e o uso crescente de agrotóxicos nos cultivos uma realidade. (TREVISAN at al. 2011)

Segundo dados da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e do Observatório da Indústria dos Agrotóxicos da Universidade Federal do Paraná

divulgados durante o 2º Seminário sobre Mercado de Agrotóxicos e Regulação, realizado em Brasília, DF, em abril de 2012, enquanto nos últimos dez anos o mercado mundial de agrotóxicos cresceu 93%, o mercado brasileiro cresceu 190%. Em 2008, o Brasil ultrapassou os Estados Unidos e assumiu o posto de maior mercado mundial de agrotóxicos. (CARNEIRO F.F et al; 2015)

Os agrotóxicos são associados à função de combate e prevenção de pragas agrícolas através do uso produtos químicos, fundamentando-se na ideia de que seu uso propicia maior produtividade e eficiência na produção agrícola. Porém, essa concepção encobre uma série de problemas que o uso dos agrotóxicos traz consigo, como por exemplo, sua dispersão que contamina os solos, as águas e se associa diretamente a perda de biodiversidade e diminuição de insetos polinizadores como as abelhas. A contaminação causada pelos agrotóxicos acontece também através de nossa alimentação diária, os produtos diretamente extraídos da agricultura como por exemplo as frutas e legumes, bem como os produtos industrializados que os utiliza como matéria prima também se contaminam.

Ainda que alguns ingredientes ativos possam – com base em seus efeitos agudos – ser classificados como medianamente ou pouco tóxicos, deve-se atentar aos efeitos crônicos que podem ocorrer meses, anos ou até décadas após a exposição, manifestando-se em várias doenças como cânceres, más-formações congênitas, distúrbios endócrinos, neurológicos e mentais. (CARNEIRO F.F et al; 2015)

O consumo de agrotóxicos está diretamente relacionado ao modelo de agricultura do agronegócio, com características explicitamente comerciais e industriais, dando pouquíssima importância a quaisquer questões que fujam desse âmbito mercadológico. Recentemente, a mídia tem veiculado através de canais abertos de televisão, propagandas com o slogan “O agro é tech, o agro é pop, o agro é tudo”, na tentativa de mascarar todas as mazelas que esse modelo tem disseminado.

O uso de artifícios retóricos é utilizado para dissimulação da natureza nociva desses produtos, como por exemplo a designação dos agrotóxicos como defensivos agrícolas. De acordo com PETERSEN (2015), por um lado isso

sugere que os agrotóxicos supostamente protegem os cultivos; por outro, oculta os efeitos prejudiciais desses produtos sobre a saúde humana e o meio ambiente. O autor aponta para uma *blindagem epistemológica* por parte de algumas instituições científicas que criam a falsa ideia de que algumas medidas preventivas eliminariam os riscos de intoxicação humana e ambiental, que de certa forma fortalece uma *blindagem jurídica* para as empresas agroquímicas diante dos milhares de casos de intoxicação anuais, cuja responsabilidade é transferida para as vítimas, sob a alegação de que estas não adotam os procedimentos de segurança recomendados.

Porém, a discussão crítica acerca dessa temática tem se ampliado. Em junho de 2019, foi realizada em Irati uma audiência pública a respeito da utilização de agrotóxicos no estado do Paraná na tentativa de ampliar os debates acerca do tema. A audiência fez parte de uma campanha promovida pelo Ministério Público do Paraná (MP/PR), através do Fórum Estadual de Combate aos Agrotóxicos, Associação Paranaense dos Expostos ao Amianto (APREAA) e Observatório do Amianto (RÁDIO NAJUÁ FM, 2019).

Durante a audiência pública, foram apresentados dados dos estudos realizados pela pesquisadora Larissa Bombardi (2017), tecendo comparações entre o uso de agrotóxicos no Brasil e na União Europeia, que foram bases para problematizar diversos temas, dentre eles o consumo de agrotóxicos pela população local e seus impactos à saúde e ao meio ambiente. Além dessa questão, na ocasião os movimentos sociais apontaram problemas ocorridos por conta do uso de transgênicos, denunciando por exemplo a contaminação de semente crioulas cultivadas pelos agricultores e suas famílias durante gerações, por conta da utilização de sementes geneticamente modificadas.

A presença dos agrotóxicos em nossas vidas foi uma questão problematizada por todas as mulheres dessa pesquisa. Através da fala de Anis, fica evidente que a mecanização do campo e o uso dos agrotóxicos também ocasionaram mudanças culturais na Região. De acordo com a benzedeira, as áreas faxinalenses começaram a ser devastadas para dar início à produção de monoculturas e o uso dos agrotóxicos modificou sua biodiversidade:

> (...) o Faxinal que o povo segurou ainda tá de pé, mas o nosso lá que o povo aceitou, começaram a abrir a cerca e plantar até na beira da estrada. Plantava milho, feijão, mas a maioria foi soja e fumo. Eles devastaram para plantar, aí ninguém mais podia ter criação solta, só fechada para não comer as plantações, porque a criação comia, né, daí acabou o Faxinal. Se eu contar para você as frutas que eu comi, ninguém acredita. Eu tô com 53 anos hoje, eu não sou tão velha. Veja que isso não faz tanto tempo que mudou. Mudou de repente, foi mudando tudo da noite pro dia. Eu comi coreana, eu comi tarumã, eu comi guamirim, eu comi fruta de são joão, eu comi mexiricão, eu comi pitanga, cereja, capota, casaca, eu comi fruta de esporão, ingá, jabuticaba, guabiroba, jarivá. E eu comi porque tinha, e porque não era envenenado. Hoje em dia eu não posso comer porque já não têm, não é em tudo que é parte que eu vou achar, porque já morreu. E o que tem é envenenado, já não é aquela fruta saudável como eu comia, então hoje em dia mudou bastante, de repente foi tudo acabando. [Anis]

Nos relatos foram apontados principalmente aspectos referentes à contaminação do solo, plantas, água e consequentemente de nosso próprio corpo e a diminuição da biodiversidade que seu uso ocasiona, como podemos observas a partir da fala de Gerânio:

> Por que que hoje em dia se fala muito nas reuniões das benzedeiras que os remédios estão em extinção? Antigamente era a coisa mais fácil achar salsa parrilha, imbuia, cambuí, raiz de urtigão, pau de raposa, pau amargo. Mas a gente diz que estão em extinção porque tem muito remédio que tinha e que hoje em dia já não tem tanto e quando tem já brota contaminado. [Gerânio]

5. TUDO ISSO É SAÚDE: TRILHANDO OS CAMINHOS QUE MATERIALIZAM SONHOS

> Os antigos que morreram foram para terra, então a terra é considerada Mãe Terra. E quem não gostar da terra não gosta da mãe, né? E tudo quanto é pessoa gosta da mãe, querem bem a mãe. E a Terra é considerada a nossa mãe, por isso que a gente deve respeito, porque ninguém planta no ar, ninguém mora no ar, ninguém vive no ar, é tudo em cima da Terra. [Anis]

Assim como evidencia a fala de Anis, as mulheres dessa pesquisa mantêm uma relação muito próxima de cuidado e respeito com a Natureza, também chamada de Mãe Terra, entendendo que o simples contato com ela já facilita nossa reconexão com o todo e funciona como tratamento para uma série de desequilíbrios.

> Quando você consegue desligar a mente e entrar em sintonia com a natureza é algo terapêutico. Toma um banho de cachoeira gelada, parece que lava a alma, relaxa o corpo. Sente a energia de uma montanha, sente a energia de tomar um banho de mar, não tem como negar que a natureza traz cura. Na verdade, tudo o que a gente precisa está na Natureza, não adianta ficar procurando coisas e acumular coisas, sendo que é preciso de tão pouco e de coisas tão simples pra ficar feliz e entrar em harmonia. [Lótus]

Para Girassol, “se a gente está num ambiente insalubre e hostil, a gente começa a não ter saúde também”. O modelo de desenvolvimento adotado na modernidade é responsável pelo esgotamento de recursos naturais, pela produção de lixo e devastação das florestas. Apresenta como parte de suas consequências a deterioração da qualidade de vida, que se materializa em crises econômicas e ambientais, a perda de soberania em diversos âmbitos, a marginalização, a descriminação e pobreza dentro de uma lógica exploratória.

Diante do atual momento de crise marcada pelas contradições e pelo potencial destrutivo da modernidade eurocêntrica, Porto (2019) propõe uma leitura da crise da saúde no interior de uma crise ainda mais ampla das utopias e da necessidade da reinvenção da emancipação social, processo esse que demanda o diálogo com elementos e experiências perceptivas, afetivas e culturais presentes em inúmeras sociedades do Sul Global, para que possibilidades para o futuro possam ser indicadas.

Segundo o autor, o cenário de incertezas, lacunas de interpretação e distopias, apontam a urgência de se colocar em marcha o desafio ético e epistemológico que reside no diálogo entre ciência com outros saberes tradicionais, comunitários e populares, que implica no “encontro sensível e engajado entre múltiplas linguagens e narrativas científicas, artísticas, poético musicais, populares que integrem razão e afeto como base ética para o diálogo intercultural” (PORTO, 2019).

Nesse sentido, aponta-se a existência de outros projetos que apresentam diferentes formas de convivência com o todo. Dentre essas propostas, destaca-se aqui o Bem Viver, concepção essa que busca desvelar e superar erros e limitações da matriz de pensamento eurocentrista, de uma determinada narrativa da modernidade e do capitalismo como única forma possível de pensar e viver, que acabou por submeter ou ignorar qualquer perspectiva que se paute em outro projeto civilizatório (DE LA CUADRA, 2015).

De acordo com Acosta (2015), esse é um processo proveniente da matriz comunitária de povos que vivem em harmonia com a Natureza, que não sintetiza nenhuma proposta totalmente elaborada e não pretende assumir o papel de um imperativo global, como sucedeu com o desenvolvimento em meados do século XX. Propõe relações de reciprocidade, complementariedade e solidariedade entre indivíduos, além de um conviver harmônico com a Natureza, que supera o tradicional conceito de desenvolvimento e seus múltiplos sinônimos, introduzindo uma visão mais diversificada e mais complexa. Nesta perspectiva, transforma-se em ponto de partida, caminho e horizonte para desconstruir a matriz colonial que desconhece a diversidade cultural, ecológica e política.

Segundo de la Cuadra (2015), faz-se necessário questionar a essência do padrão produtivista e consumista que vem organizando o planeta a partir de uma perspectiva evolucionista e linear que supõe que todas as sociedades devem transitar desde um âmbito atrasado, tradicional ou subdesenvolvido para uma etapa superior identificada com a modernidade, industrialização e o progresso. A partir dessa perspectiva, no Bem Viver a riqueza não se consiste em possuir ou acumular bens, senão em conseguir um equilíbrio entre as necessidades fundamentais da humanidade e os recursos disponíveis para satisfazê-la.

De acordo com Porto (2019), o reconhecimento da crise das utopias implica um comprometimento com a reinvenção da emancipação social, das quais a saúde e a ecologia são dois componentes centrais relacionados à vida e ao bem-estar. Para isso, o autor aponta a necessidade de “transpor barreiras impostas pelo saber biomédico, cujas tecnologias consideradas universais orientam-se pela medicalização e subordinação ao capital financeiro médico-hospitalar, desprezando outros saberes e práticas”, que incluiriam, segundo o autor, as terapias holísticas e complementares, as práticas tradicionais de saúde realizada pelos povos indígenas e do campo e humanização da saúde, por exemplo.

Acosta (2015) sugere a criação do mundo a partir do âmbito comunitário, onde seja possível enfrentar a colonialidade do poder a partir de um processo de transição movidos por novas utopias. Para o autor, um mundo pensado e organizado comunitariamente a partir da reaproximação do ser humano à Natureza e da construção de modos de vida que não sejam regidas pela acumulação de capital é um horizonte possível.

O panorama apontado pelos autores demonstra a necessidade de se construir visões alternativas de vida, fundamentadas em práticas mais livres e inclusivas, que tenham caráter holístico e compreendam a diversidade de elementos que tonam possíveis o Bem Viver. Ao mesmo em que esse é um caminho que deve ser imaginado para ser construído, de certa forma ele já é uma realidade que se fortalece a cada ação que se realiza dentro dessa perspectiva emancipatória. Hataway e Boff (2012) sugerem que a comunidade é essencial para a realização do nosso próprio potencial de agir, bem como para as mudanças que venhamos a efetuar em nossas vidas, quando afirmam que “nunca poderemos transformar o modo de sermos humanos no mundo sem o apoio e a ousadia de outros envolvidos na mesma campanha.”

Nesse sentido, foi possível perceber que na região onde estão as mulheres dessa pesquisa, há uma rede que, embora não exista formalmente, contribui e fortalece ações coletivas que incentivam a autonomia, o cuidado e a saúde, a partir de uma postura mais ética e amorosa de respeito para com a Vida como um todo.

Algumas atividades protagonizadas pelo Movimento Aprendizes da Sabedoria – MASA, são aqui apontadas buscando ilustrar essa relação em rede pautada por uma ética amorosa que valoriza experiências, saberes locais e o engajamento coletivo na criação de caminhos que possam nos levar a um bem viver.

5.1 TROCA DE SABERES COMO FERRAMENTA EMANCIPATÓRIA PARA OS CUIDADOS EM SAÚDE

Para Paulo Freire, as classes populares são detentoras de um saber não reconhecido e, portanto, preterido do conhecimento historicamente acumulado pela sociedade (CAVALCANTI *et al*, 2018). Em seu livro Educação como prática de liberdade (1967), o educador coloca a organização reflexiva do pensamento como indispensável para um processo de transformação social. A partir de seu lema “Cuidar da vida é a nossa missão”, parte das ações organizadas pelas benzedeiras que compõe o Movimento Aprendizes da Sabedoria, permite perceber em andamento a construção de uma educação popular em saúde, com caráter reflexivo e emancipador. Essas ações têm como alicerce o diálogo horizontal, amoroso e esperançoso, que busca refletir sobre realidade a partir das experiências, saberes, cultura, maneiras de pensar, sentir e agir da comunidade da qual fazem parte.

As atividades tocadas pelo MASA têm como foco principalmente questões referentes aos seus conhecimentos, saberes e técnicas relacionadas ao cuidado e a relação entre seres humanos e natureza, especialmente no que diz respeito a conservação da biodiversidade e a utilização das plantas de maneira medicinal. Os cursos, encontros, oficinas e reportagens que tiveram o envolvimento do MASA durante o ano de 2019 ilustram essas ações.

Uma dessas atividades foi o curso “Despertar da benzedeira”, promovido pelo MASA no espaço físico do Instituto Equipe de Educadores Populares – IEEP. O curso contou com a participação de cerca de 30 pessoas, majoritariamente mulheres, de diferentes faixas etárias. O Curso foi gratuito e teve a duração de 4 encontros, onde além de contarem sobre o movimento, suas atividades e conquistas, as benzedeiras ensinaram parte das técnicas de cuidado que utilizam, como por exemplo orações e benzimentos, uso de plantas

medicinais, preparo de pomadas, feitio e utilização do cone de ouvido, demonstração da Romaria de São Gonçalo e derramamento de cera. Além disso, o curso possibilitou a convivência intergeracional entre as mulheres no processo de aprendizagem desses saberes.

No processo de divulgação do curso, uma das benzedeiras representante do MASA em Irati, junto à uma das assessoras do movimento foram até uma rádio da cidade comentar sobre o curso e fazer o convite à população interessada em participar dele. Houve grande interesse e procura, o que gerou uma lista com nomes de outras pessoas interessadas em participar de uma próxima edição. O curso não teve como objetivo formar benzedeiras, já que de acordo com elas benzer é um dom, mas resgatar e divulgar os saberes e as práticas populares em saúde das quais são detentoras, bem como instrumentalizar as pessoas interessadas, para que possam oferecer cuidados a quem deles necessite.

Figura 10 - Registro de um dos encontros do curso "O despertar da Benzedeira". Irati, 2019.
Foto: Mariana Nunes Candido.

O MASA se fez presente no colégio do campo Nossa Senhora de Fátima, a convite de uma professora de matemática, para a realização de uma oficina com meninas do terceiro ano do ensino médio. Na oficina, a benzedeira que representava o movimento ensinou as estudantes uma simpatia para “tirar ar”, as ensinou a fazer e aplicar o cone de ouvido e ensinou uma receita de pomada cicatrizante. Algumas das meninas que participaram dessa oficina posteriormente fizeram parte de um Encontro de Escolas do Campo que aconteceu no Município de Mallet, e como representantes do Colégio Nossa

Senhora de Fátima, levaram o relato dessa experiência para ser compartilhado durante o evento.

As benzedeiras apreciam e incentivam a difusão de suas práticas e conhecimentos, especialmente às pessoas mais jovens que se interessam por esses temas, trabalhando na manutenção desses conhecimentos tradicionais e multiplicando pessoas aptas a cuidar.

Figura 11 - Oficina na Escola Nossa Senhora das Graças. Guamirim, Irati, 2019. Foto: Mariana Nunes Candido.

O MASA participa também de processos de formação oferecidos através da aproximação e articulação com outros movimentos sociais, como por exemplo as oficinas “Saberes da Cura”, que aconteceram no Encontro das Benzedeiras e Mulheres Quilombolas, oferecido pela Mestra Lucely Pio, mulher Quilombola, Raizeira e guardiã do cerrado. O encontro contou com a presença de mulheres Benzedeiras, Faxinalenses e Quilombolas do Palmital dos Pretos e da Invernada Paiol de Telha, além da presença de mulheres que embora não façam parte dessas comunidades tradicionais do Paraná, trabalham junto a elas ou com formas alternativas de cuidado com a saúde.

Nesse encontro que teve a duração de dois dias, as trocas de saberes se deram a partir de rodas de conversa e preparação de remédios. As rodas de

conversa foram momentos privilegiados para a contextualização da realidade que enfrentam as mulheres desde o lugar onde se encontram, demandas, oportunidades e ações que realizam junto as suas comunidades.

Dessas conversas também emergiam leituras do cenário atual, onde as mulheres Benzedeiras e Quilombolas puderam expressar suas formas de ver e estar no mundo. Aspectos políticos e organizacionais, propostas de atividades conjuntas para o fortalecimento de vínculos entre essas mulheres e reflexões acerca de estratégias individuais e coletivas para o enfrentamento das questões que surgem da crise que enfrentamos enquanto sociedade também foram pautadas.

Figura 12 - Oficina Saberes de Cura, ofertada pela Mestra Raizeira Lucely Pio. Irati, 2019. Foto: Mariana Nunes Candido.

No ano de 2019 também foi realizado o IV Encontro de Benzedeiras e Benzedores da Região Centro-Sul do Paraná, no município de Rebouças. O encontro foi realizado em dois dias e em suas atividades, contou com a participação das benzedeiras e benzedores que compõe o MASA, coletivos ligados à Agroecologia, representantes do Instituto Federal do Paraná, da Universidade do Centro Oeste do Paraná, Universidade Estadual de Londrina, Universidade Federal do Paraná, Coletivo Enconttra, Coletivo Ceresta, Instituto Equipe de Educadores Populares, Representantes do Poder Público Municipal e Estadual e da população de uma forma geral.

O evento teve início com uma mística realizada pelas benzedeiras e as boas vidas a todos os presentes. Foram feitas rodas de conversa com espaço para a avaliação do MASA desde o último encontro realizado em 2017, buscando construir coletivamente uma leitura da conjuntura atual e apontamentos acerca de avanços e desafios para o movimento no momento presente.

Também houve espaço para que pesquisadoras dividissem com os presentes, informações sobre seus trabalhos envolvendo os faxinais, benzedeiras, os processos de construção de cartografias sociais, a presença das práticas alternativas e complementares dentro da saúde, informações acerca do uso terapêutico e medicinal da maconha e da mobilização, especialmente de mães, acerca da liberação do uso do óleo canábico para o tratamento de enfermidades crônicas. Entre contos, causos e cantos, o encontro também contou com a exibição dos documentários *Benzedeiras – ofício tradicional* de Lia Marchi, do qual as benzedeiras do MASA são protagonistas e do documentário *Olhar Contestado – desvendando códigos de um conflito, de Nilson Fraga,* que trata da Guerra do Contestado e aborda questões referentes ao Monge São João Maria.

O segundo dia do encontro contou com oficinas de plantas medicinais, oficina de bioenergia, costura de rendidura e machucadura, além do microfone aberto para possibilitar o compartilhamento de orações, simpatias, histórias e memórias acerca de benzedeiras e benzedores que embora já não estejam fisicamente presentes, são constantemente lembrados e homenageados. As benzedeiras que representam o movimento no Conselho Estadual dos Povos e Comunidades Tradicionais e Indígenas – CPIT/PR apresentaram para os participantes o papel do conselho, bem como as demandas que tem apresentado. Foram realizados debates e apontadas estratégias para fortalecer as articulações e mobilizações das benzedeiras juntos a suas comunidades tanto em áreas urbanas, como rurais. Os municípios presentes elegeram suas coordenações e o encontro foi finalizado no Parque Municipal Monge São João Maria com um café da tarde comunitário e a distribuição de mudas de plantas medicinais produzidas pelas benzedeiras antes da realização do evento.

Figura 13 - Mutirão de produção de mudas de plantas medicinais para o IV Encontro de Benzedeiras. Rebouças, 2019. Foto: Mariana Nunes Candido.

O ano de 2020 se iniciou com atividades de formação para as pessoas que integram o MASA, sendo articulada a vinda de duas Mestras de São Paulo para realizar a iniciação no primeiro nível do Reiki, na Casa de Reza das Benzedeiras. Nesse encontro foram iniciadas 27 pessoas, sendo elas benzedeiras, benzedores e aprendizes do MASA. Calêndula, Gerânio e Hibisco, que participaram dessa pesquisa, estiveram presentes nesse encontro.

As mestras reikianas que vieram realizar esse trabalho, também são mulheres envolvidas com projetos que cuidam da vida e buscam disseminar essa prática a partir de uma visão espiritualizada e da multiplicação de pessoas aptas a utilizar essa energia como instrumento de cuidado. Assim como as benzedeiras do MASA, também buscam difundir seus conhecimentos e aprofundá-los em espaços de encontros de cultura e trocas de saberes.

O primeiro dia do curso abordou questões teóricas acerca do Reiki, como por exemplo o que é, como funciona, o que o diferencia de outras técnicas de cura com as mãos, seus cinco princípios éticos[10], abordagem holística sobre doença e cura; anatomia sutil acerca da aura, chakras e corpos sutis; o símbolo Chokurei[11]; técnicas de aplicação, dentre outros. Embora alguns dos temas abordados não fosse conhecido por alguns, muitas das pessoas presentes, especialmente os aprendizes mais jovens, já possuíam alguma familiaridade com eles.

No segundo dia foi realizada a iniciação das pessoas presentes, partilha de suas impressões acerca da experiência da iniciação, uma sessão de práticas e esclarecimento de dúvidas, avaliação do encontro e sua finalização com um almoço comunitário. Os dois dias da atividade foram regados de afeto e de trocas, sendo que as avaliações acerca do curso foram muito positivas, como demonstram os relatos de duas benzedeiras que participaram do curso e da presente pesquisa:

> O curso de reiki pra mim foi mais uma coisa maravilhosa, que desde 2015 eu sonhava tanto. Me completou, amei e já estou aplicando reiki em mim e nas minhas coisinhas aqui. [Calêndula]
>
> Eu tô muito feliz, me animei ainda mais pra continuar trabalhando. Foi muito bom e muito produtivo, eu vou utilizar o reiki nos meus atendimentos, já estou utilizando em mim. [Hibisco]

As mulheres que vieram de São Paulo reafirmaram inúmeras vezes seu reconhecimento e respeito acerca dos ofícios tradicionais e inclusive fizeram uso desses saberes, já que uma delas que vinha sentindo dores em nos ombros, no final no encontro foi cosida por uma benzedeira que costura rendidura e machucadura.

---

[10] Somente hoje, não se irrite; não se preocupe; expresse sua gratidão; faça seu trabalho com dedicação; seja gentil com todos os seres.

[11] É o primeiro símbolo do Reiki, representa a cura física.

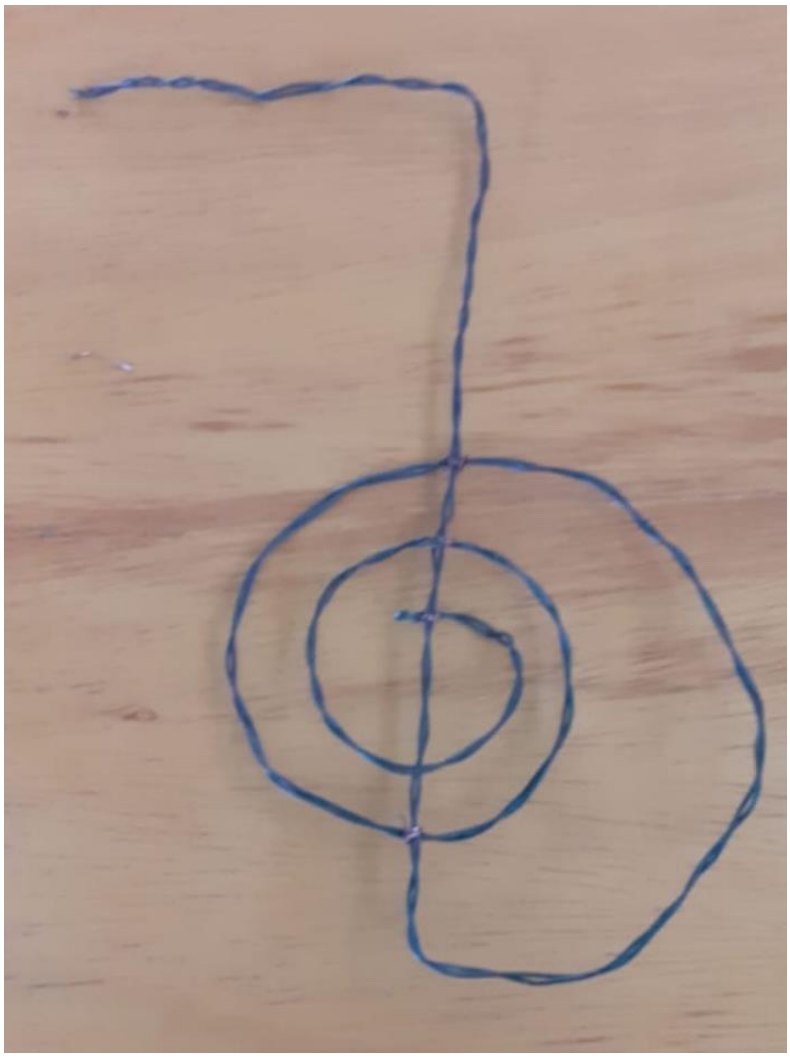

Figura 14 - O primeiro símbolo do Reiki, Chokurei, adaptado em arame para Hibisco que tem baixa visão. Irati, 2020. Foto: Mariana Nunes Candido.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As falas das mulheres entrevistadas nessa pesquisa é um convite para viajar por diferentes pontos que se entrecruzam em nosso dia a dia quando pensamos a saúde. A dimensão política que se faz presente nos relatos aqui colocados, permite relembrar que os seres humanos são também atores sociais, que desde sua participação ativa podem construir e modificar suas relações e realidades. A saúde se engloba nessa perspectiva, já que não se restringe a hábitos e escolhas pessoais, alinhando-se às culturas, crenças e instituições de cada sociedade.

Foi recorrente o apontamento das questões mentais e emocionais como importantes fatores para a manutenção da saúde e do sentimento de bem-estar. Isso demonstra a necessidade de se repensar e reconstruir símbolos e valores coletivos que desestimulem características como a alienação, a competitividade, a insegurança, a culpa e a impotência que se fazem tão presentes atualmente, para que então, seja possível incentivar o fortalecimento de vínculos amorosos, solidários, corajosos e inovadores para impulsionar as transformações individuais e coletivas das quais necessitamos.

A partir disso, torna-se possível destacar que o processo de cura é, ao mesmo tempo, individual e coletivo. Coletivamente, as transformações inerentes à saúde acontecerão a partir de uma mudança de perspectiva no que diz respeito a nossa relação com o todo. Para que esse processo seja viável, o conhecimento produzido na sociedade deve deixar de ter como principal objetivo o acúmulo de riquezas e passar a possibilitar que a vida seja cuidada com respeito e mantida com dignidade.

As Benzedeiras da região cumprem um importante papel e demonstram sabedoria, generosidade e dedicação nos trabalhos que realizam junto à sua comunidade. Os saberes populares por elas resgatados, mantidos e repassados, levam consigo uma outra visão de mundo que aproxima o ser humano de seus pares e o reconhece como pertencente e dependente da natureza que o rodeia, ampliando a relação de cuidado para outras formas de vida, que incluem a terra, a água, os animais e as plantas.

Embora reconheçam o ato de benzer como um dom, se colocam como intermediárias em uma relação com o Divino, que as atende por conta de sua fé e devoção, mas que se faz presente na vida de todas as pessoas. É por conta disso que buscam partilhar seus conhecimentos e perpetuar os saberes populares que têm sido repassados de geração a geração. As ervas que cultivam, as receitas que guardam, as orações que realizam e os remédios que preparam são ferramentas que estimulam a autonomia, já que instrumentalizam e orientam ações relacionadas aos cuidados, através de estratégias bastante simples.

As práticas integrativas e complementares, por sua vez, se propõem a olhar o ser humano levando em conta a profundidade que essa tarefa implica. Essas terapias podem ser entendidas como potentes ferramentas para a transformação social, já que colaboram no processo de autoconhecimento e trazem à luz aspectos individuais que permitem análises profundas de cada ser humano sobre sua própria vida e existência. O autoconhecimento pode impulsionar mudanças individuais que se refletem ao redor, através da nossa interação com o mundo.

Esses saberes trazem consigo uma série de visões advindas de outras culturas que possuem, em inúmeros aspectos, entendimentos diferentes dos difundidos pela cultura ocidental dominante. Ao não reduzir os seres viventes à única e exclusivamente um amontoado de células, essas perspectivas abrem portas para que diversos questionamentos acerca das possibilidades de perceber o mundo e se colocar nele, através da experiência de viver, possam surgir dentro de cada ser que acesse essas informações e se disponha a refletir sobre questões que transbordam os limites do que pode ser visto ou tocado.

A espiritualidade foi um elemento central na fala das mulheres dessa pesquisa, encarada como um elemento norteador de suas práticas e que não se descola das questões sociais que as rodeiam. A relação com o sagrado acontece de diferentes formas entre elas, mas têm em comum as bases amorosas de respeito e conexão com a Terra, no sentido de que a Terra oferece cura porque é ela quem sustenta a vida. Elas a retratam como abundante e diversa desde os alimentos que nos oferece, às plantas que nos servem como medicina para o corpo e para o espírito, evidenciando a complexidade do ser humano e a

necessidade de que uma visão holística e integradora seja adotada para que se possa olhar com cuidado para uma série de aspectos que se interpenetram no ser humano como um todo, levando em conta suas questões físicas, emocionais, espirituais, suas relações consigo mesmo, com a comunidade ao seu redor e com a Natureza que os cerca.

Essas mulheres atuam individualmente, mas sua articulação dentro de movimentos sociais e coletivos, ampliam os espaços de atuação, produção e transmissão de seus conhecimentos ligados aos cuidados com a saúde e com a Terra, reaproximam razão, afeto e espiritualidade e apontam a complexidade e interdependência entre essas questões, como demonstram as experiências aqui relatadas.

Não foi possível encerrar essa dissertação com uma conclusão do que seja a saúde a partir das falas dessas mulheres que têm a cura como ofício. Ao contrário, seus relatos demonstraram que a saúde se desdobra em inúmeros aspectos e cada um deles se desdobra em inúmeros mais, sendo que quando olhados através de uma perspectiva holística, eles se complementam e se relacionam à vida como um todo. Isso demonstra a complexidade da saúde e do desafio a ser enfrentado para que ela possa se concretizar plenamente.

Toda essa complexidade mostra a ineficácia de implementar soluções homogêneas para um conjunto tão diverso e cheio de especificidades como o das diferentes populações humanas. Por conta disso, a integração de diferentes saberes, a reflexão acerca da concepção de mundo e vida que se estabeleceu, somados ao diálogo e a organização das comunidades, podem colaborar para identificar e refletir sobre demandas e potencialidades da realidade local, incentivando a autonomia e a emancipação social, possibilitando então relações mais saudáveis entre todos os seres viventes.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos.** Elefante, 2016.

ALEXANDRE LOZANO, S., et al. Uso de terapias alternativas en la cicatrización de úlceras de etiología venosa: La cromoterapia. **Gerokomos**, Barcelona , v. 23, n. 4, p. 185-188, dic. 2012.

ALMEIDA, D. M. **A comunicação pública e o capital social do Movimento Aprendizes de Sabedoria: da (in)visibilidade ao empoderamento**. (Dissertação) Programa de Pós-graduação em Comunicação Social. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

ANDRADE, A. **O movimento aprendizes de sabedoria (MASA)**: **tecendo territorialidades de cura na disputa por saberes comuns**. 2019. 162 f. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

ANDRADE, J; COSTA, L. **Medicina Complementar no SUS: práticas integrativas sob a luz da Antropologia Médica.** Saúde Soc. São Paulo, v.19, n.3, p.497-508, 2010.

AYRES, J. R. de C. M. Cuidado e reconstrução das práticas de Saúde. **Interface (Botucatu)**, Botucatu , v. 8, n. 14, p. 73-92, Feb. 2004 .

BACH, E. **Os remédios florais do dr. Bach**. São Paulo, Cultrix, 2006

BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. **Pesquisa participante:** o saber da partilha. 2. ed. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2008.

CARNEIRO F. F. et al. **Segurança alimentar e nutricional e saúde.** In: Dossiê ABRASCO: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde. Rio de Janeiro: EPSJV, São Paulo: Expressão Popular, 2015.

DA ROSA, A. L., e MIRANDA, A. V. de S.. "O yoga como prática integrativa na promoção de saúde mental: uma ferramenta ética para o cuidado de si." **Rizoma: Experiências interdisciplinares em ciências humanas e sociais aplicadas** 2.1 (2017): 178-190.

DE LA CUADRA, F. Buen Vivir: Una auténtica alternativa post-capitalista?. **Polis. Revista Latinoamericana**, n. 40, 2015.

DE PAULA, V. G., et al. "Acolhimento: um olhar inclusivo da Política Nacional de Humanização como estratégia de inclusão social." **Educação: Saberes e Prática** 7.1 (2018).

DE SOUZA PENHA, Karla Janilee et al. O USO DAS TECNOLOGIAS LEVES NA ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA: análise reflexiva. In: **Anais do I Congresso Norte Nordeste de Tecnologias em Saúde**. 2018.

ELBERS, J. **Ciencia Holística para el buen vivir: una introducción.** Centro Ecuatoriano de Derecho Ambiental. Quito, 2013.

FERRAZ, Ivana Santos et al. Expansão das práticas integrativas e complementares no brasil e o processo de implantação no sistema único de saúde. **Enfermería actual en Costa Rica**, n. 38, 2020.

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva.** São Paulo: Ed. Elefante, 2017.

GERHARDT, M. C.; FRANTZ, W. Educação popular e movimentos sociais. **Revista de Educação Popular**, v. 18, n. 1, p. 92-104, 13 jun. 2019.

GHISO, Alfredo Manuel. Reflexividad dialógica, como experiencia de epistemes sentipensantes y solidarias. **El Ágora USB**, v. 17, n. 1, p. 255-264, 2017.

GIBSONE, C; BANG, JM. **Permaculture: a spiritual approach.** Findhorn Press, Scotland,2015.

GIMENES, O. M. P., SILVA, M. J. P., BENKO, M. A. "Essências florais: intervenção vibracional de possibilidades diagnósticas e terapêuticas." **Revista da Escola de Enfermagem da USP** 38.4 (2004): 386-395.

GUEDES, C. R.; NOGUEIRA, M. I.; CAMARGO J.R., KENNETH, R. de. A subjetividade como anomalia: contribuições epistemológicas para a crítica do modelo biomédico. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 11, n. 4, p. 1093-1103, Dec. 2006

HATHAWAY, M.; BOFF, L. **O tao da libertação. Explorando a ecologia da transformação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

HAUSNER, S. **Constelações familiares e o caminho da cura**. São Paulo: Cultrix, 2008.

ILLICH, I. **A expropriação da saúde nemesis da medicina.** Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1975.

KASURG, A. **Monge João Maria na tradição religiosa popular do Planalto Meridional do Brasil**. In: Anais do I Encontro de Pesquisas Históricas PUC-RS. Oficina do Historiador, Porto Alegre, EDIPUCRS, 2014. p.1035-1054.

KUPFER, P. **O QUE É YOGA**. Yoga.pro.br. 2016. Disponível em: http://www.yoga.pro.br/artigos/350/3047/o-que-e-yoga. Acesso em 27 de outubro de 2018.

LEWITZKI, T. **A vida das benzedeiras**: caminhos e movimentos. 2019. 242 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Antropologia, Setor de Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

LUZ, M. T. Cultura contemporânea e medicinas alternativas: novos paradigmas em saúde no fim do século XX. **Physis: Ver. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 15 (suplemento): 145-176, 2005.

MASA (Org.). **Carta do 1º Encontro Regional das Rezadeiras, Benzedeiras, Curadores, Curadeiras**. Irati, 2008.

MEIRA, A.M. K. Mapeamentos sociais como ferramenta para discussão de políticas públicas para o reconhecimento formal de benzedeiras no Paraná. **Revista Inter Ação**, v. 43, n. 1, p. 187-201, 2018.

MELLO E SOUZA, C. de. Mente e Awareness nos Tantras Indianos: fundamentos da Meditação, do Hatha Yoga e do Ayurveda. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro , v. 31, n. spe, p. 220-227, Dec. 2019.

PETERSEN, P. **Prefácio**. In: Dossiê ABRASCO: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde. Rio de Janeiro: EPSJV, São Paulo: Expressão Popular, 2015.

PIMENTA. T. S.. **Terapeutas Populares e Instituições Médicas na primeira Metade do Século XIX.** In Chaloub S. et al.(org.) Artes e Ofícios de Curar no Brasil. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003

PORTO, Marcelo Firpo de Souza. Crise das utopias e as quatro justiças: ecologias, epistemologias e emancipação social para reinventar a saúde coletiva. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 24, n. 12, p. 4449-4458, Dec. 2019 .

ROCHA, A.S., NASCIMENTO, R.S., ALMEIDA, A.B. A indústria farmacêutica e o interesse capitalista em tratamento de tumores cancerígenos. **Rev. Inic. Cient**. Ext. 2018; 1(Esp.2): 237-46.

SALLES, L. F.; SILVA, M. J. P. da. Efeito das essências florais em indivíduos ansiosos. **Acta paul. enferm.**, São Paulo , v. 25, n. 2, p. 238-242, 2012.

SCHULZ, G. **Técnicas respiratórias do Yoga tem efeitos similares a medicamentos psiquiátricos.** Yoga em casa, 2016. Disponível em https://yogaemcasa.net/2016/11/28/tecnicas-respiratorias-do-yoga-tem-efeitos-similares-amedicamentos-psiquiatricos/
Acesso em: 04 de dezembro de 2018.

SOLOMONS, T.W.; GRAHAM, e CRAIG, B. FRYHLE. **Química orgânica**. No. QD251. 2. S64 1979.. Limusa, 1999.

TAVARES, C. **Iniciação a visão Holística.** Record, 1998.

TELESI, J.R., E. Práticas Integrativas e complementares em saúde, uma nova eficácia para o SUS. **Estudos Avançados**. 30(86), 2016.

TONIOL, R. Espiritualidade que faz bem. Pesquisas, políticas públicas e práticas clínicas pela promoção da espiritualidade como saúde. **Sociedad y Religión: Sociología, Antropología e Historia de la Religión en el Cono Sur**, vol. XXV, núm. 43, mayo, 2015, pp. 110-143 Centro de Estudios e Investigaciones Laborales, Buenos Aires, Argentina.

TORINELLI, M**. A revolução da saúde por meio do auto-conhecimento corporal e das plantas medicinais**. Jul. 2016. Disponível em:

https://jornadadeagroecologia.org.br/2016/07/29/a-revolucao-da-saude-por-meio-do-auto-conhecimento-corporal-e-das-plantas-medicinais/

VAZ, V. **As Benzedeiras da cidade de Irati:** suas experiências com o mundo, e o mundo da benzeção.151f. Dissertação (Mestrado em História Social) Programa de Pós-graduação em História, Pontificia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2006.

WALTON, A. G. **Penetrating postures:** The Science of Yoga. 2011. Disponível em: http://www.forbes.com/sites/alicegwalton/2011/06/16/penetrating-postures-the-science-ofyoga/#1b621c206722

WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO traditional medicine strategy: 2014-2023. Geneva: WHO; 2013.